

The image features an abstract graphic design with several overlapping circles in various shades of blue. Thin lines connect the circles, creating a network-like structure. The circles vary in size and opacity, with some being solid and others semi-transparent. The overall composition is clean and modern, with a focus on geometric shapes and color harmony.

**O Melhor do
Sarcasmo e da
Mordacidade**

JOBER ROCHA

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, sob qualquer forma ou meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem a permissão expressa do autor.

Prólogo

Tomado por súbita crise de desânimo e apatia, em razão dos muitos anos de observação da nossa triste realidade, e julgando haver, por razões até então por mim desconhecidas, um vício intrínseco ou de origem permeando de alto a baixo, nossa gente, nossas coisas e nossas instituições, resolvi, em um derradeiro esforço, recorrendo ao humor sarcástico e a mordacidade, trazer ao público este O MELHOR DA MORDACIDADE, escrito em minhas horas de folga durante o horário de expediente, na repartição pública em que dediquei o melhor de minha existência e onde exerço, ainda hoje, a função de Assessor do Diretor.

Sei que quase não resta tempo aos demais colegas de “trabalho”, das inúmeras repartições espalhadas por este imenso país, para uma leitura leve e divertida (que permita se abstrair dos graves problemas que afligem a nossa terra e a nossa gente), durante o período de “trabalho” naquele dia a dia estafante de qualquer gabinete, secretaria geral ou diretoria, tumultuado com frequência pela presença dos vendedores de bijuterias e de equipamentos eletrônicos orientais. Procurei, assim, através de vários contos de leitura rápida, proporcionar, aos estimados colegas, literatura amena e divertida sobre o cotidiano da vida brasileira. Os contos, por serem breves, são ótimos para serem lidos nos intervalos daquelas infundáveis discussões sobre as novelas da TV, as classificações dos times de futebol, as trocas de receitas culinárias e os comentários sobre os enredos de carnaval das Escolas de Samba.

Assim, nestes rápidos contos, são expostas situações inusitadas e inverossímeis, que abordam temas e características psicossociais comuns em nossa terra e que

culminam, quase sempre, por um desfecho espirituoso e inesperado.

Tendo sido procurado por diversas editoras estrangeiras, que disputam acirradamente minhas obras no mercado literário internacional, optei por editar o presente livro em empresa genuinamente nacional. Ao fazê-lo, levei em consideração, principalmente, o fato de que possuo inúmeros colegas leitores que têm por hábito, e passatempo, na repartição em que se vêm obrigados a passar as horas do dia, a busca por erros de digitação e de gramática, porventura existentes naqueles poucos livros que eventualmente lhes caem às mãos e que chegam a ter a oportunidade de ler até o final. Assim, editando o presente livro em uma editora genuinamente nacional, espero poder satisfazer a este público ávido por descobrir erros nas obras alheias. Todavia, face às inúmeras pressões que tenho recebido de Organizações Não Governamentais – ONG's, preocupadas com a difusão da Literatura sul americana por todos os continentes, resolvi autorizar algumas delas a editarem a presente obra também nos idiomas Sânscrito, Aramaico, Provençal e Latim arcaico.

Se o presente livro conseguir fazer com que passem mais rápidas às horas diárias (que meus leitores e colegas de trabalho são obrigados a aturar em suas repartições), contribuindo para aproximar mais rapidamente o nascer do sol ao sol poente, o início da semana ao seu final e as férias passadas às próximas férias, meus objetivos terão sido plenamente alcançados.

Índice

1. <i>O Chefe</i>	05
2. <i>O Perfeccionista</i>	10
3. <i>Vocês Querem Bacalhau?</i>	17
4. <i>O Consumidor</i>	19
5. <i>Tempos Modernos</i>	21
6. <i>Recordações</i>	23
7. <i>O Favelado</i>	24
8. <i>O Custo Brasil</i>	26
9. <i>Maldita Carona!</i>	27
10. <i>A Invasão Inimiga</i>	28
11. <i>O Segurança</i>	30
12. <i>Memórias Póstumas</i>	31
13. <i>O Condenado Pelo Supremo</i>	39
14. <i>Os Anjos Invadem a Terra</i>	40
15. <i>Benigno ou Maligno?</i>	43
16. <i>A Aparição das Dezoito Horns</i>	45

1. O Chefe

Desde criança ele sempre detestara as más notícias. Nas proximidades do natal, por todo o tempo em que sobreviveu sua crença no papai Noel, rezava para que não nevasse muito no Pólo Norte e para que o trenó do bom velhinho não apresentasse nenhum defeito que impedisse seu deslocamento à todos os lugares do mundo, inclusive até a sua própria residência.

Pessimista por natureza achava que tudo iria dar errado, antes mesmo de começar. Religioso convicto passava o dia inteiro rezando e pedindo ao Criador que evitasse o inevitável, que previsse o imprevisível, que remediasse o irremediável.

Sua infância e adolescência foram povoadas por temores: não ia passar de ano, no colégio; iria pegar caxumba, coqueluche e varicela, mesmo tendo tomado as vacinas; não arranjaria namorada; ficaria desempregado para sempre, vivendo a custas dos pais, etc. etc. e etc.

Quando, durante o recreio, algum colega de colégio se aproximava, trazendo alguma notícia ou para fazer algum comentário, fugia correndo, imaginando ser uma novidade trágica sobre a morte de alguém ou sobre sua iminente expulsão daquele educandário.

Aos dezoito anos, tendo se livrado do serviço militar através de um tio coronel, a quem pedira encarecidamente para livrá-lo por temer morrer em uma eventual guerra, que, com toda certeza, se iniciaria logo após os primeiros

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

meses de sua vida de recruta; matriculou-se em um curso de pilotagem, por insistência do irmão, que também fazia o mesmo curso. Não conseguiu passar das aulas teóricas; pois, temia que, ao alçar o primeiro vôo com o instrutor, aquele seria seu último dia de vida, em razão da inesperada queda do aparelho por defeito mecânico. Resolveu pouco tempo depois, e quase que obrigado pelos pais, pois achava que não passaria nas provas, prestar exames vestibulares para a Faculdade de Direito da sua cidade natal.

Passaram-se assim os anos, sempre esperando ficar reprovado e ter que repetir diversas matérias do curso. Finalmente tendo se formado em Direito, decidiu prestar concurso para uma carreira no governo federal, imaginando que não teria mesmo nenhum cliente, caso resolvesse abrir escritório de advocacia na cidade onde morava.

O concurso que fez, sem nenhuma noção do tipo de trabalho que executaria, foi para analista de informações de uma agência federal de inteligência, localizada na capital federal, e que exigia um período de estágio e de aperfeiçoamento naquela cidade. Para lá se dirigiu, achando que, logo nos primeiros dias, seria considerado incapaz e remetido de volta ao local de origem.

Por incrível que pareça, saiu-se bem durante o estágio inicial e também no período de aperfeiçoamento; tendo, ao final do curso, escolhido para ser lotado em um departamento que acompanhava as atividades de grupos terroristas internacionais em nosso país. Sua escolha foi motivada pela convicção de que nosso país, isolado física e politicamente do resto do mundo, não se constituía em local atrativo para atos de terrorismo internacional. Assim, esperava que nunca fosse necessária uma ação de campo, na qual sua vida pudesse vir a correr algum perigo.

Conforme previra, os anos transcorreram tranqüilos para ele, como simples analista, até o dia em que, por razões administrativas, fora nomeado chefe daquele departamento. A partir de então, começou uma verdadeira 'via crucis' para seus subordinados.

Como chefe, não admitia que lhe trouxessem nenhuma má notícia, chegando mesmo a repreender qualquer agente ou analista, seu subordinado, que lhe apresentasse algum informe (ou trouxesse alguma informação pronta), que confirmasse à presença de terroristas em nosso país; mencionasse ações eventualmente programadas por eles; descrevesse a existência e localização de bases operacionais; tratasse da interceptação de conversas e de comunicações, etc. Fazia questão de deixar bem claro, aos seus auxiliares, que queria apenas boas notícias; isto é, notícias que indicassem estar, o nosso país, inteiramente livre de tais problemas e que reinava a mais absoluta calma, sob as fronteiras de nosso vasto território. Chegou, até mesmo, a rebaixar alguns agentes de campo que lhe trouxeram informes sobre a existência de uma base terrorista em localidade situada numa tríplice fronteira do país.

Os relatórios diários que encaminhava, para a alta administração da agência, eram sempre favoráveis e descortinavam um cenário seguro e confiante para os anos vindouros.

Certo dia encontrava-se em seu gabinete a remexer numa gaveta, quando, ao olhar o jornal do dia deixado sobre uma cadeira, leu a seguinte manchete: "Governo trará seis mil médicos cubanos para atuarem no interior do país".

Quase caiu desmaiado. Sua pressão arterial subiu e os batimentos cardíacos se aceleraram. Imediatamente

imaginou aqueles seis mil, supostos, médicos infiltrando-se por todo o território nacional, a promover uma revolução política, social, religiosa e cultural de nossos camponeses, com conseqüências imprevisíveis para a paz social, para o seu departamento e para ele próprio. Quantos daqueles que viriam seriam realmente médicos e quantos seriam, apenas, agentes revolucionários sorrateiramente infiltrados? Aquele fato novo, certamente, traria aumento de trabalho para seu departamento, com a possibilidade de uma enxurrada de más notícias. Pensou em solicitar imediatamente licença médica, transferência para a biblioteca ou exoneração, pura e simples, do cargo que ocupava.

Ao levantar-se, cambaleante, e seguir caminhando até a cantina, onde tomaria um café bem forte e amargo, que o reanimasse daquele mal estar que sentia, ouviu, em uma televisão ligada, a notícia de que a agência de inteligência, congênera a sua, do governo de um grande país aliado, há muitos anos vinha grampeando as comunicações telefônicas e a Internet de vários órgãos do governo federal, inclusive às da sua própria agência e também da Presidência da República. Quase teve um desmaio, precisando sentar-se rapidamente para não estatelar-se no chão. Como era possível que nunca soubera de nada disso? – pensou. Estaria sendo traído pelos seus próprios subordinados, que lhe sonegavam informações? – imaginou.

A partir daquele momento, decidiu que não podia confiar em mais ninguém naquela agência, fosse seu subordinado ou seu superior.

Achou que a única maneira de descobrir quem sabotava o serviço, para, a seguir, poder aplicar toda a severidade da lei do país, seria passar para o lado inimigo, como um agente duplo, triplo ou, até mesmo, múltiplo, e,

assim, poder desvendar os mistérios subterrâneos daquela agência.

Sua primeira providência foi a de contatar diversos agentes de inteligência estrangeiros operando no país, cujas identidades apenas ele e alguns poucos na agência conheciam. Alegando baixos salários, o vício do jogo e da vida boemia, propôs a estes o fornecimento de informações secretas da sua agência, em troca de uma remuneração mensal em dinheiro. Todos concordaram e, assim, passou a enviar para eles, com certa regularidade, informes e informações classificadas, coletadas por sua agência, e recebendo em pagamento, alguns Dólares, Rublos, Euros, Yuans; além, evidentemente, de Reais.

Após o envio de algumas poucas informações, especificamente do interesse particular de cada uma das agências estrangeiras contatadas, a primeira informação mais substancial entregue, possuía cunho tanto militar, quanto político, psicossocial e econômico. A mensagem continha as seguintes notícias:

Campo Militar

1. Nossas forças armadas não dispõem de recursos para a alimentação de seus soldados, razão pela qual os quartéis funcionam em meio expediente;

2. Nossos navios, aviões, tanques de guerra e demais veículos militares, em virtude da falta de peças de reposição, são totalmente canibalizados, para que alguns poucos possam continuar operando;

3. Nossas munições, em estoque, apenas são suficientes para um dia de intensos combates.

Campo Político

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

1. As vagas para deputados estaduais e federais, já nas próximas eleições, passarão a obedecer a um sistema de quotas raciais;

2. Cada político custa, aos cofres da nação, U\$ 7,4 milhões por ano;

3. Políticos condenados por crimes, pelo Supremo Tribunal Federal, não perderam os mandatos e ainda continuam fazendo parte de comissões nas duas casas legislativas da capital federal.

Campo Econômico

1. Os juros mensais, cobrados pelos bancos privados, são os mais elevados do planeta, chegando ao percentual de 15% ao mês;

2. As concorrências públicas são, em sua maioria, fraudadas e superfaturadas, custando para o setor público, no mínimo, o dobro do que custariam na realidade;

3. A maior parte das empresas, visando auferir maiores lucros, sem que o consumidor perceba, reduzem o peso e a quantidade das embalagens, mantendo o mesmo preço, sob as vistas, contemplativa e incentivadora, das autoridades fiscalizadoras.

Campo Psicossocial

1. Embora o desemprego seja da ordem de seis por cento, o governo mantém, além do programa bolsa família para cerca de 46 milhões de pessoas (isto é, um em cada quatro cidadãos é beneficiado pelo programa bolsa família); dentre outros programas, o auxílio gás, a bolsa alimentação, o auxílio luz, o auxílio amamentação, o seguro desemprego,

Jobert Rocha

o bolsa escola, o bolsa permanência, o auxílio reclusão, o bolsa prostituta e o auxílio natalidade;

2. Os cidadãos trabalham cerca de cinco meses por ano, apenas para pagar os impostos federais, estaduais e municipais devidos;

3. Tão somente cinco por cento dos crimes de morte cometidos no país, são apurados. Destes, apenas dois por cento dos réus são sentenciados.

A primeira impressão causada por esta mensagem, quando chegou à sede das diversas agências estrangeiras de inteligência, foi de um completo estupor por parte de seus dirigentes. Os chefes das respectivas entidades, logo marcaram reuniões com os seus principais dirigentes e colaboradores, para analisar e discutir o conteúdo da referida mensagem.

Embora eu tenha sido informado, por vias indiretas, de tudo aquilo discutido nas várias agências de inteligência que receberam a dita mensagem (NSA e CIA - USA, Mossad - Israel, KGB e FSB – Rússia, MSS – China, BND – Alemanha, DGSE – França e M16 – Reino Unido), apenas relatarei o que se passou na sede da CIA, por ter sido a reunião mais branda, mais pacífica e com as resoluções mais comedidas; já que, foram os únicos que entenderam o assunto da forma como o entenderam, em razão, talvez, da grande e tradicional experiência que tinham no ramo da espionagem e da contra-espionagem.

O diretor-geral daquela agência, após expor a todos o teor da mensagem, começou por elogiar a nossa agência de inteligência, considerando-a, mesmo, uma das melhores do mundo, tendo em vista aquela operação de contra-

informação que havia armado. As informações fornecidas visavam, tão somente, segundo ele, fazer crer aos inimigos, reais e potenciais, a fragilidade do nosso país nos quatro campos mencionados. Evidentemente, aquilo era tudo mentira; pois, nenhum país do mundo era tão fraco militarmente, possuía políticos tão incapazes, uma economia tão sem controle e do tipo salve-se quem puder, governo tão corrupto e sistema judiciário tão frouxo. Segundo o diretor-geral, éramos muito mais espertos que os iranianos e os coreanos do norte. Ao contrario daqueles dois povos, que alardeavam seus progressos militares e nucleares, nós, fazendo o mundo acreditar que éramos tão fracos e corrompidos, deveríamos estar quase a ponto de obter nossa própria bomba nuclear, nosso submarino atômico, nosso foguete balístico intercontinental e nossas aeronaves de quinta geração; tudo isto - repetia o diretor - disfarçadamente, nas barbas dos países mais desenvolvidos e da Organização das Nações Unidas, que de nada suspeitavam. Aquela operação que havíamos preparado ficaria, para sempre, nos anais da contra-informação mundial, ao lado mesmo das admiradas operações do velho almirante Wilhelm Canaris, chefe da ABWER de Hitler, durante a Segunda guerra Mundial, e das operações Paperclip, MKUltra, Pluto, Ira de Deus, Payback, Eiche, Entebbe, Lança de Netuno e Valquiria.

Como acerto final, ficou combinado que intensificaríamos a espionagem em nosso país, enviando mais agentes e coletando e analisando maior volume de informações da Internet. Combinaram, inclusive, que enviaríamos alguns terroristas internacionais, cujo objetivo seria o de sabotar nossas instalações nucleares, navais e aeronáuticas, praticando atentados de todo tipo, com o fito de atrasar nossos reconhecidos progressos naqueles diversos campos.

Jobber Rocha

Finda a reunião, o diretor-geral solicitou a permanência, no recinto, dos principais dirigentes da agência. Com as portas trancadas começaram, então, a discutir uma proposta adequada de salário, certamente irrecusável, para a contratação do Chefe daquele departamento da agência de inteligência de nosso país, que, de forma tão hábil e surpreendente, arquitetara aquela magnífica operação de contra-informação. Completamente entusiasmado, naquela ocasião, o diretor-geral comentou com seus subordinados:

- “Com uma pessoa deste quilate em nossos quadros funcionais, destruiremos nossos inimigos, dominaremos o mundo e, finalmente, implantaremos a tão sonhada Nova Ordem Mundial”!

- “Daremos uma rasteira nos ‘Extraterrestres Greys’, que querem nos dominar! Seremos os únicos e exclusivos donos do nosso Sistema Solar, assolado, atualmente, por alienígenas que já possuem bases em Marte e na Lua! Em seguida, exerceremos o nosso domínio sobre todo o Universo e iremos conseguir mais, muito mais ainda...” – finalizou, com os olhos marejados de lágrimas.

2. O Perfeccionista

Com estas poucas páginas, caro amigo leitor, objetivo dar-lhe ciência das minhas atividades nos últimos trinta anos. Talvez você não saiba, mas fui funcionário público, estatutário, durante todo este período. Como tal, meu salário era, e ainda é, como aposentado que sou, pago por você. Por esta razão tomo a liberdade de expor-lhe, da melhor forma possível, na qualidade de meu patrão, o resultado dos trabalhos que desenvolvi ao longo destes anos todos, na repartição em que dediquei o melhor de minha existência, abdicando, até mesmo, da fama e da fortuna.

Iniciarei por dizer-lhe que minha mesa sempre foi a mais organizada e limpa de quantas conheci por este país afora. Meus lápis com suas pontas afiadas com gilete, minhas borrachas e réguas limpinhas e meus clipes, na quantidade certa para o consumo do dia, eram objeto da admiração de quantos passavam pela frente da escrivaninha em que me sentei por trinta anos, indo rumo ao banheiro localizado ao final do corredor.

Os carimbos que utilizava nos despachos – requerimento aprovado e requerimento negado - após o uso, eram limpos com esmero, parecendo, àqueles que o viam pela primeira vez, nunca terem sido antes utilizados.

O copo de água sobre minha mesa continha a quantidade certa, necessária para um bom gole a cada hora, de modo a que ao final do expediente encontrava-se totalmente vazio.

Nada na minha seção era desperdiçado ou consumido com prodigalidade. Os envelopes eram

reutilizados tantas vezes quanto fosse possível, em razão de sua resistência; o mesmo ocorrendo com folhas de papel, pastas de arquivo, copos de plástico, elásticos, etc.

Aos poucos, os colegas de repartição passaram a me chamar por vários apelidos carinhosos (ditos pelas minhas costas e em voz baixa), que não cabem aqui ser relatados.

Em razão de minha formação cultural ter sido muito boa e eclética, da qual fizeram parte tanto os autores clássicos quanto os contemporâneos, consigo visualizar, por vezes, coisas e aspectos não percebidos pelos demais companheiros de trabalho, razão pela qual, suponho, meu comportamento desperta-lhes certa dose de ciúmes, o que, até então, tem sido mantido em segredo tanto por mim quanto por eles.

Em razão de trabalhar muitos anos na Secretaria Geral, ao lado do gabinete de importante autoridade, pude fazer inúmeras observações que me conduziram a classificar as normas funcionais segundo as seguintes categorias: grandes e pequenas.

As primeiras, no meu entender, dizem respeito ao estabelecimento de critérios necessários ao bom funcionamento do setor público e dos demais setores da sociedade, de um modo geral; constituindo, na minha modesta maneira de ver, as grandes normas. As segundas referem-se às pequenas coisas que escapam ao olhar arguto das autoridades constituídas, como, por exemplo: a maneira do servidor público sentar-se no vaso sanitário, sem se contaminar; o modo de carimbar um processo, sem que a tinta do carimbo manche o verso da página e mesmo a página de trás; o jeito de regular a velocidade das pás do ventilador, para que a papelada da seção não saia voando, etc. etc. e etc.

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Como não participava da elaboração das grandes normas, restritas que eram aos altos mandos da repartição, aperfeiçoei-me na elaboração das pequenas.

Assim é que a maior parte do meu tempo, de funcionário público, dediquei a elaboração de manuais que buscassem regular as atividades e procedimentos que, embora usuais em uma repartição, jamais foram objeto de estudos detalhados sobre Tempos e Movimentos, de modo a permitir que alcançássemos à máxima eficiência na alocação dos escassos recursos disponíveis na nossa repartição pública.

Meus primeiros trabalhos neste campo, que me valeram, inicialmente, elogios por parte dos chefes, foram: ‘Manual sobre como urinar sem molhar a tabua e sem deixar os pingos caírem no chão’ e ‘Manual sobre a utilização racional do rolo de papel higiênico’.

Na elaboração destes dois manuais, gastei horas de observação no banheiro da repartição, medindo tempos e movimentos dos usuários. Por vezes necessitei empregar sofisticadas análises matemáticas de Custo-Benefício ou de Custo-Eficácia. Minha função objetivo, a ser otimizada através dos diversos modelos de Programação Linear que desenvolvia, algumas vezes consistia em minimizar a quantidade de papel higiênico utilizada pelo usuário e, outras vezes, residia também em maximizar o volume de dejetos e excrementos lançados dentro do vaso sanitário, volume este que deveria de ser eliminado com um único apertado no botão da descarga.

Gabo-me, sem falsa modéstia, de haver sido o primeiro a descobrir, pessoalmente, a razão pela qual grande parte da urina lançada pelo usuário masculino ficava no chão do banheiro. Para tal, tive de recorrer ao estudo da

Ciência Ótica. Pude notar, após muita observação meticulosa, que uma pequena refração, motivada pelo fato de o funcionário urinar de pé, fazia com que a incidência dos raios luminosos atingisse de maneira ortogonal a sua retina, proporcionando-lhe uma visão distorcida, ou ilusória, do tamanho da torneira que tinha na mão. Assim, ao verter água no vaso sanitário, julgando possuir uma torneira maior do que aquela que na realidade tinha, afastava-se a grande distancia do mesmo, fazendo com que parte do líquido caísse ao piso. Para corrigir tal falha, mandei pintar no solo do banheiro, junto ao vaso, uma risca amarela, na qual todos tinham de pisar, antes de urinar. Para os cegos, mandei colocar um sinal sonoro, que apitava quando alguma gota caia no chão.

Estabelecendo, mediante uma tabela afixada junto ao vaso sanitário, qual o tamanho correto do papel higiênico a ser utilizado, individualmente, em razão das variáveis peso e altura, pude economizar substancial quantidade de água e de sabão ao final do mês; já que, em decorrência desta simples norma, as mãos ao serem lavadas não necessitavam mais ser esfregadas com tanta intensidade, posto que, apenas uns poucos resíduos da operação de limpeza com o papel higiênico ficavam, ainda, grudados na mão do usuário.

Para não me acusarem de parcialidade com relação aos homens, estabeleci normas também para o banheiro das mulheres.

Fixei em apenas dez, o número máximo de mulheres que poderiam ir juntas ao banheiro de cada vez. Da mesma forma, estabeleci o prazo máximo de permanência dentro do banheiro, para cada uma, de uma hora e meia. Com isto, a quantidade de lixo oriunda da venda de bijuterias e de produtos de beleza, bem como do consumo de alimentos e da lavagem de roupas íntimas, diminuiu sensivelmente.

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Cada servidora só poderia ir ao banheiro, a partir do estabelecimento das normas que institui, no máximo, dez vezes por dia; já que, para um número maior de vezes, passei a exigir atestado médico de incontinência urinária. Com isto creio que resolvi toda a problemática envolvendo o uso dos banheiros durante o horário de expediente.

Meu segundo passo foi dirigir minha atenção para o comércio ambulante dentro da repartição.

Notei que, desde o início até o final de um dia de trabalho, aproximadamente, quarenta vendedores ambulantes vindos da rua percorriam as mesas de meus colegas, oferecendo-lhes canetas, celulares, bijuterias, etc. Muitos destes vendedores trajavam-se mal e andavam, até mesmo, com roupas sujas. Os produtos que vendiam, por sua vez, oriundos de país do Oriente, quase sempre apresentavam defeitos de fabricação ou quebravam antes de serem utilizados. A partir de então, estabeleci normas para o comércio ambulante na repartição: todo camelô deveria ser cadastrado, andar uniformizado e com crachá nas dependências do órgão público. Os produtos vendidos deveriam, antes de serem pagos, ficar em caução durante trinta dias com o comprador. Caso apresentassem defeitos, seriam devolvidos sem nenhum pagamento.

Após a primeira semana de implantação destas normas, tendo o movimento deste comércio declinado substancialmente, fui chamado à presença do chefe que, furioso e aos brados, ordenou-me revogá-las, alegando a inconstitucionalidade daquelas normas. Ao entrar em sua sala, todavia, pude notar em cima da mesa dele enorme quantidade de aparelhos celulares, relógios, anéis, brincos e colares. Suponho que os camelôs tenham deixado àqueles produtos em caução e não voltaram mais para apanhá-los.

Jobert Rocha

Transferido que fui, em seguida, pelo chefe, para o terceiro subsolo onde funcionavam a gráfica e a garagem, levei alguns meses para me adaptar às novas funções, que consistiam em conferir as notas de entrada e de saída dos equipamentos e materiais, bem como a relação dos respectivos itens em estoque.

Minha primeira dúvida surgiu quando vi que saiam mais materiais do que entravam. Por ser muito religioso, ocorreu-me, na ocasião, comparar tal situação com a do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. Assim, após muita pesquisa, constatei a origem da divergência: na falta de normas específicas e de locais adequados para a guarda dos materiais e equipamentos (alguns caríssimos), muitos colegas os levavam para casa, com a promessa (que faziam a si mesmo, conforme vim a descobrir) de os trazerem de volta à repartição, tão logo fosse percebida sua falta e instaurado algum inquérito administrativo. Após a elaboração de manuais disciplinando a entrada e a saída daqueles materiais, fui, novamente, admoestado ferozmente pelo chefe e transferido para o setor de concorrências, no quinto subsolo.

Naquele setor, pude conhecer com maior intimidade os nossos fornecedores. Faziam eles parte de uma família numerosa, composta por pai e oito filhos, cada qual com sua firma individual, todas localizadas no mesmo endereço.

Cada vez que meu chefe anunciava uma concorrência, para aquisição de determinada mercadoria ou material, a referida família concorria com o preço mais baixo e com o preço mais alto. Se algum concorrente eventualmente participante, estranho à família, oferecesse um preço intermediário, o irmão com o preço mais baixo ganhava. Se nenhum concorrente estranho aparecesse, o irmão com preço mais baixo desistia e o ganhador era o

irmão com o preço mais alto. Já forneciam para a repartição há muitos anos. Meu chefe, que freqüentava assiduamente a casa deles, recebia inúmeras cestas com alimentos refinados e bebidas caras, em ocasiões festivas tais como seu aniversário, natal, carnaval, finados, abolição da escravatura, proclamação da república, Tiradentes, etc. Notando a baixa qualidade das mercadorias e dos materiais que forneciam para a repartição, bem como do alto preço unitário daqueles itens, face aos preços de mercado, iniciei por criar um banco de dados com os preços normais daqueles bens e materiais, que coletava mensalmente junto aos fabricantes, para cotejá-los com os preços ofertados nas concorrências. Por outro lado, elaborei normas que impediam a participação de mais de uma empresa, localizadas no mesmo domicílio e pertencentes à mesma família.

Na primeira concorrência, realizada após minha chegada, na hora da abertura das propostas, afirmei, com base nas normas por mim elaboradas, que as empresas da tradicional família estavam impedidas de participar. Após a enorme confusão que se seguiu, fui voto vencido, pois, naquele dia, meu chefe e vários dos seus assessores, que eu nunca havia visto e que nunca haviam participado de concorrências, fizeram parte da Comissão de Licitação e a única voz discordante foi a minha. Ao ser posto para fora da sala aos socos e empurrões, ainda consegui argumentar que o preço apresentado pelo irmão vencedor, estava quinhentos por cento acima do preço de mercado, porém, meu chefe, que não entendia daqueles aspectos legais e econômicos, deixou-se, mais uma vez, enganar, ordenando que eu fosse posto para fora e a sala trancada à chave. Passou o resto daquele dia, incomunicável, junto com seus assessores e os irmãos concorrentes.

Como era uma sexta-feira, fui direto para casa estudar toda a legislação referente a concorrências e processos licitatórios, buscando uma brecha para anular aquela. Tendo, finalmente, descoberto um caminho legal bastante promissor, ao chegar cedo segunda-feira, para comunicar o fato ao chefe, não encontrei minha mesa na sala onde trabalhava. Percorrendo as dependências do prédio em busca dela, fui informado por um continuo que a mesma havia descido, na própria sexta-feira anterior, para o oitavo subsolo.

Lá descendo, encontrei-a solitária, deixada bem ao lado do gerador de energia para emergências. Perguntando, fiquei sabendo que ali, naquele local, se reuniam os fiscais externos da nossa repartição. Como necessitavam de um lugar sossegado, para estabelecer as estratégias de fiscalização das empresas privadas sobre nossas responsabilidades, ocupavam aquele subsolo. Minha nova função seria a de supervisionar a atividade dos fiscais.

Marquei logo uma reunião para aquele mesmo dia, à qual, de um total de dez fiscais, apenas dois compareceram. Estes dois, ao serem por mim inquiridos sobre as suas atividades de fiscalização, mostraram-se evasivos e apenas murmuraram algumas palavras ininteligíveis. Nas semanas que se seguiram, por mais que insistisse, não consegui reunir todos os fiscais para uma reunião conjunta. Um deles telefonara dizendo que havia tido problemas mecânicos com o iate, em Angra dos Reis; outro ligara para dizer que estava supervisionando a construção de seu hotel, em uma praia do nordeste. Outro, ainda não havia retornado de Miami, onde possuía residência de fim de semana.

Quando, após dois meses, consegui reuni-los todos juntos, a reunião foi pouco produtiva. Notei que formavam um grupo coeso. Falavam entre si, sempre em voz baixa, e

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

percebi que possuíam um líder, tipo baixo, barbudo e atarracado, chamado pelos companheiros de Jú Venal. É isto mesmo, separavam as sílabas desta forma.

Resolvi seguir Jú Venal, à distância, para ver como atuava, no dia a dia, junto às empresas fiscalizadas. Constatei que sempre que saía de uma empresa que acabava de fiscalizar, procurava, rapidamente, uma agência bancária, na qual permanecia por cerca de quinze minutos a vinte minutos.

Depois de observá-lo por várias horas seguidas, pude, assim, constatar como é duro trabalhar externamente à repartição. Se não fosse o expediente de entrar no banco e lá permanecer no ar condicionado por cerca de quinze minutos, o fiscal não agüentaria o terrível calor das ruas. Eu, do lado de fora, ficava com a camisa molhada de suor.

Voltando para a seção, iniciei por estabelecer normas sobre a atuação dos fiscais. Em seguida, buscando evitar que os fiscais sofressem os efeitos dos raios solares (uma das principais causas de melanoma em idade avançada), determinei que os próprios empresários fiscalizados, a partir daquele momento, deveriam comparecer pessoalmente à repartição, onde eu teria a oportunidade de conhecê-los e de participar também da fiscalização, trazendo novas idéias e algumas sugestões.

Baixada a norma, cinqüenta por cento dos fiscais entraram com pedido de licença-prêmio e trinta por cento em licença para tratamento de saúde. Como dez por cento estavam gozando do auxílio reclusão, apenas pude continuar contando com os dez por cento restantes, isto é, um funcionário. Impossibilitado, assim, de cumprir minha missão, pois as empresas fiscalizadas se contavam em centenas e os fiscais eram contados em unidades, ademais

de, logo após este episódio, ter passado a não receber mais nenhuma ordem ou determinação de meu chefe, que não falava mais comigo, resolvi dedicar-me, apenas, à elaboração de normas e manuais que julgava úteis para o funcionamento interno da minha repartição pública.

Passei, então, a parte final da minha restante vida de servidor público, elaborando regras que eram lançadas, sob a forma de tiras de papel picadas na gráfica, pelas janelas dos andares mais altos ao final do expediente do último dia do ano. Meus principais manuais, frutos de denodado esforço de observação sobre a realidade de um órgão público, foram:

1. Como guardar camarão-frito com repolho, dentro da gaveta da escrivaninha, pelo prazo de uma semana, evitando que estrague e que exale mau cheiro;
2. Manual do Comerciante de Sucesso: O que todo funcionário público deve saber para conseguir vender bem seus produtos e bijuterias no horário de trabalho;
3. Nem todos os camundongos são iguais em uma repartição: Aprenda a distinguir os ratos bons dos maus;
4. Como usar a mesma roupa durante trinta dias, sem precisar lavar e passar;
5. Mil desculpas para esticar, um pouco mais, o horário de almoço;
6. A arte de chegar tarde e de sair cedo;
7. O que pode ser reaproveitado, em uma lixeira de seção;
8. Falar mal do colega pelas costas: Arte ou Ciência? ;
9. A inveja criadora: Como decolar na administração pública, tendo a inveja como propelente;
10. Nem à esquerda, nem à direita: As dez razões pelas quais um carimbo deve ser posto bem no centro do requerimento.

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Alguns outros manuais ainda pude elaborar, durante o restante da minha trajetória pública, porém, creio que estes mencionados foram os mais importantes.

Tendo atingido, finalmente, a idade da aposentadoria sem receber nenhuma promoção, quer por antiguidade quer por merecimento, resolvi que era chegada à hora de, definitivamente, descansar.

No último dia de trabalho guardei meus lápis, réguas e borrachas, dentro da pasta, e entreguei meu copo de plástico na cozinha. Com lágrimas nos olhos fixei, pela última vez, aquelas instalações que me abrigaram como mãe carinhosa durante trinta anos. Tentei despedir-me, com um olhar, dos companheiros de trabalho; porém, notei que me viravam o rosto, certamente para que eu não visse as lágrimas de tristeza que vertiam copiosamente naquela ocasião.

Atualmente, aposentado e cansado de ver televisão e de alimentar o gato preto que comigo convive há quase quinze anos, resolvi reiniciar a elaboração de novos manuais, agora, porém, com uma conotação de utilidade privada.

Depois de muito observar a realidade do bairro onde moro, na periferia, elaborei alguns manuais que distribuí para os moradores locais desempregados. Certamente você não imagina que, ao ser abordado em um sinal de trânsito por um vendedor de balas, que, correndo, coloca o saquinho no seu espelho retrovisor, aquele modo de vender balas foi por mim desenvolvido em meu ‘Manual do Vendedor de Balas’, após oito meses de pesquisas teóricas e práticas.

A própria frase exclamativa “- Perdeu cara!”, dita por bandidos no ato do assalto, foi, por estes, inescrupulosamente, apropriada do meu opúsculo ‘O

Jobert Rocha

Manual do Flanelinha'. A frase em questão, hoje tão em moda, foi criada por mim com o único objetivo de ser proferida como desculpa pelo guardador de carros autônomo (mais conhecido como flanelinha), quando o dono do carro, ao pegar o seu veículo, reclamasse da falta das calotas.

Malabarismos com laranjas, com tochas pegando fogo, com pedras, etc., foram também por mim desenvolvidos como forma, alternativa, dos desempregados urbanos obterem alguns trocados da parte de motoristas desatentos, nos sinais de trânsito fechados.

A técnica de colocar barracas nas calçadas, no meio dos transeuntes, impedindo ou dificultando a passagem, foi por mim inventada após exaustivas pesquisas e encontra-se citada no 'Manual do Camelô'. Esta foi uma das melhores maneiras que encontrei de proporcionar, de forma verdadeiramente magistral, a integração entre as classes sociais.

A 'Tática do Arrastão', por mim criada, cujo objetivo inicial era motivar a união entre as classes menos favorecidas em torno de um objetivo comum, foi, aos poucos, sendo desvirtuada, e hoje é adotada pelas classes mais favorecidas da Capital Federal, notadamente os políticos e os altos executivos.

Com esta simples e resumida exposição, caro leitor amigo, creio haver saldado minha dívida de gratidão por você haver custeado meus salários durante todos esses anos, e, reconhecido, despeço-me com um fraternal abraço.

3. Vocês Querem Bacalhau?

Acredite, estimado leitor, que durante as últimas festas natalinas (entre pennis, lombinhos, rabanadas e postas de bacalhau), lembrei-me do saudoso Abelardo Barbosa, conhecido no rádio e na televisão como ‘Chacrinha’ e como ‘O Velho Guerreiro’. Seus programas na televisão eram irreverentes e ele, vestido como Carmem Miranda, costumava atirar para a platéia abacaxis, bananas e até mesmo bacalhau. Suas frases prediletas eram: “- Alô, alô Terezinha, vocês querem bacalhau?”, “- Eu vim para confundir e não para explicar”, “- Quem não se comunica se trumbica.”.

Figura jocosa, todos nós sabíamos, falava de gozação para um público interessado nas variedades e nos espetáculos que apresentava. De maneira similar, nossos mandatários, eleitos por milhões de brasileiros para explicar e não para confundir, fazendo de seus palanques e palácios auditórios de onde aplicam as mais modernas técnicas de comunicação de massa disponíveis (que dariam inveja ao ‘Joseph Goebbels’, Ministro da Propaganda de Hitler, e ao próprio ‘Chacrinha’, também), após haverem concedido ao populacho que os elegeu todo tipo de benesses, em breve deverão perguntar, de olho nas próximas eleições: - E agora, vocês querem bacalhau?”

O comando ou a chefia de um país (da mesma forma como o de qualquer um dos Estados que o compõem),

principalmente quando seu povo é inculto e pouco sério, assemelha-se a um espetáculo teatral. No centro do palco, o mandatário eleito limita-se a ler o seu 'script', redigido pelas elites locais, nacionais ou internacionais, que entendem tudo de bilheteria, um pouco de roteiro e nada de Literatura Teatral. O público, na maioria das vezes, não entendendo o conteúdo da peça, fixa-se, apenas, no desempenho dos artistas. Repara em seus gestos exuberantes, em suas vozes altissonantes e em suas vestimentas luxuosas. Ao final, aplaude ou vaia, apenas pela interpretação dos atores e pela magnificência do espetáculo.

As elites repetem a mesma peça, de quatro em quatro anos, trocando, eventualmente, aqueles atores cujo desempenho não foi o esperado ou que quiseram modificar o 'script' por iniciativa própria, em determinado momento do desenvolvimento da peça.

Por vezes, o público desinformado e inculto enoja-se daquela peça e daqueles artistas. Isto dá chance para que outro empresário teatral apresente sua própria peça (que é a mesma que vem sendo levada há anos; porém, com pequenas modificações no enredo e com outros artistas nos papéis principais). A propaganda, pública e privada, encarrega-se de apresentá-la como inédita, como tendo vindo direto da 'Broadway', onde fez sucesso estrondoso durante anos.

Mais uma vez, o público enganado compra entradas e aguarda esperançoso por um final feliz.

A direção do teatro, que passa a maior parte do tempo no exterior, tratando de seus investimentos e negócios, exerce rigorosa censura sobre as peças que serão encenadas, que deverão ter antecipadamente aprovados, os nomes dos artistas, o roteiro, o texto e o seu autor.

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Um jovem escritor com idéias próprias, neste contexto, dificilmente verá sua peça encenada em um teatro oficial de qualidade, na capital da república. Terá de contentar-se com o teatro alternativo e, muitas vezes, clandestino, nas periferias e a preços populares.

Ocorre, todavia, que as elites empresariais que comandam o grande espetáculo teatral nacional, ao distribuírem meias-entradas e gratuidades ao público de baixa-renda, impedem, na origem, a possibilidade de afirmação e de expansão do teatro alternativo.

Os intelectuais nacionais, notadamente os bons escritores, têm tentado, aparentemente sem sucesso, esclarecer o público para que escolha, conscientemente, as peças a serem assistidas e os seus respectivos atores. “Na falta de boas peças e de bons atores, não vá ao teatro, anule a sua vontade, não alimente esta farsa!” – declaram alguns. “Não deixe que a mediocridade de autores e atores prolifere e que, apenas, o interesse pela glória efêmera, pelo aplauso fácil e pelo interesse pecuniário, leve os jovens brasileiros a motivarem-se pelas artes cênicas!” – afirmam outros.

Intelectuais mais radicais propõem a destruição, pela força, do atual teatro oficial, a edificação de outro sobre as cinzas do anterior e a substituição, tanto dos autores quanto dos atores nacionais, por outros artistas (não importa se nacionais radicais ou, até mesmo, estrangeiros) encenando peças de autores estrangeiros, preferencialmente do Leste Europeu ou de uma ilha no Caribe. No entanto, o público cativo, alienado, embora não aprovando as peças e os atores, sonha em ver seus filhos trabalhando na ribalta ou, até mesmo, em conseguir para si um papel de coadjuvante (bem remunerado e de preferência com uma comissão ou um DAS) no fundo do palco, em qualquer peça do teatro oficial.

Jobber Rocha

Ao saborear uma taça de champanhe, ouvindo ao fundo os acordes de 'Jingle Bells', meditava que, enquanto esse mesmo público (principal alvo, espectador e mantenedor de todo este espetáculo teatral) não se decidir, de uma vez por todas, quer pela comédia, pelo drama ou pela tragédia, o futuro do teatro nacional deverá, infelizmente, ser aquele previsto com inteligência e hábil manipulação já há muito tempo, pelos empresários e produtores atuais: espetáculos de farsa com bilheteria cheia, peças medíocres e atores vulgares.

4. O Consumidor Nacional

Entrou naquela oficina mecânica do subúrbio procurando um alicate para apertar a porca do terminal da bateria, que estava um pouco frouxa dificultando a partida do veículo ao virar-se a chave de ignição.

O mecânico, tipo magro, de olhar inteligente e fino bigodinho sobre o lábio, ao apanhar o alicate, abrir o capô e apertar a referida porca, disse, como quem não quer nada: - “Às vezes a dificuldade em dar a partida é da bobina que está com defeito. Vou dar uma olhadinha para o senhor!”.

Sem esperar a concordância dele, começou a retirar a bobina e, logo após, levou-a lá para dentro para teste. Ele, sem jeito, não falou nada e ficou apenas olhando.

Pouco depois, o mecânico voltou lá do fundo com o seguinte diagnóstico: - Ela esta mesmo condenada. Essa já era. Quando a bobina dá defeito, sobrecarrega a ignição eletrônica, que acaba pifando também; vou dar uma olhadinha para o senhor, patrão!

Em seguida, foi retirando a ignição eletrônica, que também levou lá para dentro. Retornando, pouco depois, o mecânico afirmou: - Esta também já era. Vou ver as velas e seus cabos; pois, estes também dificultam a partida quando estão com problemas!

Foi logo retirando os cabos das velas e as próprias, que levou lá para dentro. Ao voltar foi curto e grosso: - Não

Jobber Rocha

disse ao senhor, patrão? Os cabos estão cortados e as velas todas sujas. Tem que trocar tudo!

Enquanto falava, seu ajudante, tipo baixo e atarracado, com olhar suspeito, ia substituindo as peças condenadas por peças novas.

Após ter trocado as mangueiras do radiador, pastilhas de freio, bomba d'água, bomba de gasolina, cano de descarga e amortecedores, o mecânico apresentou a conta de dez mil reais, dizendo que o material trocado era todo original e, por isso, havia ficado um pouco mais caro. Disse, ainda, que nem tinha cobrado a mão-de-obra, por haver simpatizado com ele e querer ajudá-lo naquele momento difícil.

O nosso personagem, acanhado, pegou o cartão de créditos e pagou o conserto.

Ao sair da oficina, sob os cumprimentos e curvaturas do mecânico e de seu ajudante, pensava consigo mesmo: - Puxa vida, ainda bem que meu carro, retirado hoje da concessionária e no qual vou viajar de férias, é zero quilômetro e só tinha esses poucos defeitos. Imagino quantos defeitos o carro poderia ter, se eu, ao invés deste, tivesse adquirido um veículo usado. Sou um sujeito de sorte, pelo fato do mecânico ter descoberto logo aqueles problemas, pois, caso contrário, poderia ficar enguiçado no meio de qualquer estrada deserta e acabaria perdendo alguns dias de minhas férias!

Enquanto seguia dirigindo, pensava: - Até que não foi tão caro assim. Vou parcelar em doze vezes no cartão, economizarei nos restaurantes e, no final, nem perceberei o impacto da despesa...

5. Tempos Modernos

Marcelo era jovem, bonito e possuía exatos treze anos naquela ocasião. Estudava em um colégio de padres no bairro em que residia, sua constituição era forte e seus cabelos louros, encaracolados, caíam sobre uma testa ampla e inteligente. O nariz, bem proporcionado, e a boca de lábios finos, davam-lhe um ar aristocrata. No conjunto, aparentava um pouco mais idade do que aquela que na realidade tinha.

Nunca, até então, havia despertado para as coisas do sexo, pois os esportes, as aulas de inglês e as aulas de piano, tomavam todo o seu tempo, desde que acordava até a hora de dormir.

Suas notas no colégio eram sempre as melhores e seu desempenho nas competições de natação constituía objeto da atenção de técnicos de vários clubes da cidade, a cata de valores promissores nos esportes.

Quem o ouvia ao piano, fechando os olhos, julgava estar ouvindo um pianista clássico do século XVII ou XVIII, tal a sonoridade produzida pelo toque de seus dedos sobre as teclas.

Certo dia, durante o horário do recreio em seu colégio, sentado sob uma frondosa mangueira onde gostava de isolar-se para ler algum romance, teve a atenção despertada para o rosto mais bonito que já havia visto em

sua vida. Aquele rosto como que o atraía, mantendo-o estático e sem conseguir desviar seus olhos do que via. Entretanto, o toque da sineta, indicando o término do recreio, fez com que todos os alunos corressem para suas salas. Por alguns segundos, ainda, conseguiu manter seus olhos pregados naquela imagem, porém, em seguida, acabou perdendo-a de vista.

Nos dias que se seguiram Marcelo, aflito, procurou por todo o pátio a figura cujo rosto o impressionara tanto. Não a viu em nenhum lugar.

Em casa, não conseguia afastar da lembrança aquele rosto. Já não tinha mais interesse pela natação, pelo piano e pelas aulas de inglês. Sua mente era totalmente preenchida por aquela figura que tanto o impressionara.

Passados alguns dias, ao entrar no ônibus que o conduziria para o colégio, vislumbrou aquele rosto, sentado sozinho em um dos primeiros bancos da frente.

Com o cora o aos pulos foi se dirigindo, vagorosamente, para o banco onde, timidamente, sentou.

Pouco depois, tomando coragem, puxou conversa perguntando em qual classe estudava, se praticava algum esporte, quais seus interesses, etc.

A viagem de ônibus, que antes demorava quase meia hora, naquele dia durou apenas minutos, tantos eram os assuntos de interesse comum que desfrutavam.

Durante o recreio deram continuidade   conversa do coletivo e, na hora da saída, encontraram-se para o trajeto de volta. A partir de então, tornaram-se um par constante, quer no recreio, na hora da saída, nas solenidades, etc.

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Em determinada ocasião, eles combinaram de ir ao cinema durante a tarde. O filme que desejavam assistir era um romance, que fazia sucesso de bilheteria. Encontraram-se no shopping, compraram pipocas e ingressos e ficaram vendo vitrines, até a hora prevista para o início da sessão. Entraram já com as luzes apagadas e sentaram-se em uma das últimas fileiras.

Marcelo nunca havia beijado e achava que aquela era, finalmente, a ocasião pela qual tanto esperara. Após o final dos anúncios, quando o filme iniciou, deram-se as mãos. Pouco depois, beijaram-se. Marcelo disse, em seguida, que aquele havia sido seu primeiro beijo. Ao ser questionado se havia gostado, respondeu, timidamente: - “Sim, foi ótimo, mas você podia raspar o bigode Carlão, pois ele incomoda muito na hora de beijar!”

6. Recordações

Por alguma razão que não saberia explicar, resolveu entrar com o carro naquela apertada rua do subúrbio, buscando atingir seu objetivo de chegar à reunião de serviço, em determinada empresa, no distante bairro de Jacarepaguá. Repentinamente lembrou-se do bairro onde estava e da velha rua, vindo, em seguida, à sua mente, ao prédio da escola onde havia estudado quando adolescente. Fazia quase trinta anos que não passava por ali. Como ainda era bem cedo, estacionou o carro no início da rua e dirigiu-se a pé para a escola.

Lá chegando, tendo se identificado como ex-aluno, foi-lhe facultado a entrada no estabelecimento e pode, assim, percorrer as salas e corredores que tantas vezes pisara e de onde lhe vinham à mente recordações de amigos, de professores e de brincadeiras há muito tempo esquecidas.

Lembrou-se de Marta, sua primeira namorada, e dos beijos que trocavam pelos jardins durante o horário de recreio.

Pensou na imagem de dona Ruth, a elegante professora de História, em cujas aulas havia se apaixonado por Cleópatra e por Maria Antonieta.

Recordou-se do professor Mário, da educação física; tipo alto, musculoso e bonitão, fumante de charutos, que era invejado por todos por sua bela aparência e que vivia no

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

banheiro e no vestiário, no meio dos alunos mais velhos, pois era treinador do time de futebol.

Ao sair com os olhos marejados, após haver permanecido quase uma hora em devaneios, percorrendo as instalações que lhe evocavam tantas lembranças, perguntou a um jovem aluno que também se retirava: - Você conhece, por acaso, o professor Mário, um que fumava charuto e jogava futebol?

O estudante, olhando-o de maneira séria, respondeu: - Bem, eu conheci há alguns anos um professor bem velho, chamado Mario, que era homossexual segundo diziam. Foi aposentado por câncer no pulmão e, há cerca de um ano atrás, morreu de Aids. Seu enterro foi muito concorrido. Diversas antigas equipes de futebol, do colégio, se fizeram presentes e alguns ex-jogadores até possuíam o nome dele tatuado nos braços...

7. O Favelado

Fazia 15 anos que morava naquela favela, no alto do morro do Esqueleto. Possuía dois irmãos, de pais diferentes, e uma irmã. Havia nascido ali e, desde pequeno, nunca fora igual aos seus outros irmãos e aos amigos locais: não gostava de futebol e nem de carnaval. Jamais havia trabalhado como ‘avião’ ou ‘olheiro’ da boca de fumo perto de sua casa. A única coisa de que gostava era de ler e estudar. Sua mãe dizia que vivendo daquele jeito, trancado em casa lendo, nunca daria para nada, nunca seria alguém na vida.

Certo dia, um grupo de turistas alemães subiu o morro para conhecer, de perto, uma típica favela carioca.

Um deles, já idoso e cansado, sentou-se em uma pedra, próximo de onde ele se encontrava, ao lado de fora do seu barraco, também sentado e olhando triste para o mar distante.

O turista, um senhor de cabelos brancos e pele muito branca, era o reitor da Universidade de Berlim e professor de Filosofia, conforme ficou sabendo conversando com ele em alemão. Conversaram durante horas. Falaram sobre as teorias filosóficas de Spinoza, Kant, Schopenhauer e Nietzsche; sobre a Crítica da Razão Pura, sobre a Crítica da Razão Prática, sobre a Genealogia da Moral e sobre o Princípio da Razão Suficiente.

Passou, a partir de então, após o retorno do reitor à Alemanha, a corresponder-se com ele. Em breve, este o convidou para estudar na Alemanha com tudo pago pelo governo daquele país.

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Embora contra a vontade da sua mãe, viajou para aquele país decidido a nunca mais retornar.

Na Alemanha, terminou seus estudos, matriculando-se na Universidade, onde, após concluir o curso de graduação em Filosofia, cursou o mestrado e o doutorado. Como era excelente aluno, com o apoio do reitor, foi indicado para o cargo de Diretor Geral do Departamento de Filosofia da Universidade. Passou a residir em um pequeno apartamento de quarto e sala no centro da cidade, indo de metrô todos os dias para a Universidade; já que, com o seu salário, ainda não tinha economizado o suficiente para comprar um carro.

Certo dia, batendo no peito a saudade, resolveu vir ao Brasil em um vôo charter, para rever a família que não via há quase 20 anos.

Aqui chegando, foi encontrar a mãe na piscina da mansão da Barra da Tijuca, para onde recentemente havia se mudado, sentada em uma espreguiçadeira, saboreando camarões empanados e tomando champanhe.

Ao vê-lo entrar, foi logo dizendo: - Seus irmãos não estão. Depois que você partiu, eles foram apadrinhados por uma ONG estrangeira chamada 'The Poverty is Beautiful'. Os dois jogam, atualmente, em um time de futebol na Itália.

Sua irmã, descoberta sambando na Escola de Samba Unidos da Bolsa Família, hoje é artista de filme pornô e reside nos Estados Unidos. Os três mandam todos os meses dinheiro para investimentos, que administro comprando imóveis, ouro e aplicando na Bolsa de Valores. Já temos vários apartamentos no bairro, além de algumas empresas, ações e participações.

- E você, como vai indo na Alemanha – perguntou ela, displicentemente?

Jobber Rocha

Ele, timidamente, respondeu que era o Diretor Geral do Departamento de Filosofia da Universidade, com grandes chances de, em pouco menos de dez anos, vir a se tornar Reitor.

Ela, então, saboreando mais um gole de champanhe, disse ao filho: - Bem feito, quem mandou ir embora da sua comunidade e do seu país. Eu, no fundo, sempre soube que você não daria para nada, que nunca seria ninguém na vida! Não venha, agora, nos pedir auxílio; pois, de mim e de seus irmãos você apenas ouvirá: - Vá Trabalhar vagabundo!

8. Custo Brasil

Saiu de casa atrasado naquele dia. Tendo acordado tarde, após haver ficado até as duas da manhã vendo um filme de aventuras, tinha mil coisas a fazer: passar na Secretaria da Receita Federal, no Banco, no Plano de Saúde e no Departamento de Trânsito.

O primeiro problema começou logo no banco, ao digitar o número de sua conta para solicitar um extrato. Na tela apareceu a mensagem: conta inexistente. Procurou o funcionário encarregado, que disse: - O sistema pode estar fora do ar, tente mais tarde!

Saiu dali dirigindo-se à Receita Federal, onde perguntaria sobre o 86º lote de restituição do Imposto de renda, referente ao ano calendário anterior. Queria saber se a sua devolução, finalmente, havia saído; pois, estava cheio de dívidas vencidas e não pagas.

Ao consultarem seu número do CPF, informaram: - CPF inexistente! O senhor se cadastrou no ano passado? Trouxe atestado de vida? Cópia das certidões de nascimento e casamento de ambos os avós, maternos e paternos?

Saiu dali furo da vida. Pensava consigo mesmo: - Este é o tal do Custo Brasil. Aqui nada funciona!

Passou na sede do Plano de Saúde, para pegar a autorização da cirurgia do filho. Lá chegando, ao indagar sobre a autorização, já solicitada há quinze dias, ouviu do funcionário que, infelizmente, não havia dado entrada

Jobber Rocha

nenhum pedido com aquele nome. Sua matrícula do plano também não conferia.

Indignado, dirigiu-se à sede do Departamento de Trânsito, pensando no caminho em cancelar seu plano de saúde e em mudar-se do país; pois, a vida aqui estava ficando insuportável. Lá chegando, pretendia pagar uma única multa, cujas duas notificações distintas e com valores diferentes, recebera em casa alguns dias atrás e que, muito embora com o mesmo número, apresentavam a mesma ocorrência com dias, horas e logradouros diferentes. Ao consultar o terminal, pelo número do RENAVAM, aparecia na tela: 'RENAVAM Inexistente'. Consultando pelo CPF, aparecia a mesma mensagem: 'CPF Inexistente'. Pelo número da CNH, sempre a mesma coisa: 'CNH Inexistente'. Ao questionar o funcionário sobre o que estaria ocorrendo, ouviu deste a resposta: - O Sistema deve ter caído!

Desanimado, desiludido, com raiva do mundo e com seus instintos agressivos aflorando, retornou à tardinha para casa. Pensava durante caminho: - Perdi o dia todo e não consegui resolver nada. Neste país, só mesmo na violência. Só com uma guerra civil!

Chegando à casa, tocou a campainha duas vezes; pois, havia esquecido ou perdido a chave. Sua esposa, ao abrir a porta e deparar com ele, em pé, diante dela, disse, olhando-o acintosamente nos olhos: - Meu marido não está! O que o senhor deseja?

9. Maldita Carona!

Morava na zona sul, possuía dois filhos e era bem casado. Trabalhava no centro da cidade em uma empresa financeira e ia para o trabalho, todos os dias, em seu carro conversível. Possuía um colega de infância que morava perto dele e que, também, trabalhava no centro.

Naquele dia o amigo lhe telefonara pela manhã pedindo carona para o trabalho, já que o carro dele enguiçara dentro da garagem.

Atendendo ao pedido do amigo apanhou-o em casa e dirigiu-se, como sempre fazia, pelo caminho mais curto para o centro da cidade.

Naquele dia, entretanto, por causa de um acidente mais à frente a estrada, que era de mão dupla, estava completamente congestionada.

Ficaram vários minutos parados e o trânsito não fluía. Notando, porém, que o engarrafamento era apenas no sentido do centro, ocorreu-lhe voltar e pegar outra estrada que, embora mais longa, deveria estar vazia naquela hora.

Estavam parados em frente a um Motel chamado Palácio da Luxúria, à esquerda da mão em que seguiam. Como não dava para fazer a volta na própria estrada, resolveu entrar pelo portão do motel, fazer a volta lá dentro e sair pelo mesmo portão, em direção contrária ao centro da cidade.

Foi exatamente o que fez. Só que, após haver contornado por dentro do terreno do motel, na saída,

Jobber Rocha

parando no portão para esperar um carro que passava na hora, deu de cara com o seu chefe e com alguns colegas de trabalho. Todos, em um mesmo veículo, estavam parados na pista que seguia para o centro, em razão daquele engarrafamento, bem em frente ao motel. Eles o reconheceram de imediato, naquele carro conversível amarelo e, sem nada dizer, apenas sorriram em sua direção.

Aqueles sorrisos ele compreendeu, na hora, o que significavam, ao perceber que haviam visto a seu lado o amigo e vizinho, a quem desconheciam, e ambos saindo juntos, pela manhã, de um motel na Barra.

Ao chegar ao trabalho mais tarde, já que a outra estrada que tomara também estava congestionada, ele notou que todos o olhavam de maneira estranha, alguns com risinhos disfarçados. Teve até a impressão de haver ouvido, por detrás de uma porta fechada, alguém as gargalhadas dizendo: - Aquele cara nunca me enganou!

10. A Invasão Inimiga

Aquele quartel estava localizado em uma área cercada por diversas favelas. A principal, situada no morro ao fundo do campo de futebol, era a mais perigosa; pois, ali existia uma boca de fumo em um barraco que fazia fronteira com o terreno da organização militar.

Naquele dia de calor intenso, o expediente havia transcorrido normalmente, sem alteração. À noite, por volta das duas horas da madrugada (conforme sindicância posterior pode apurar), a sentinela que tirava serviço junto ao campo de futebol, ao contatar a outra que a substituiria; teria dito a esta haver avistado um vulto suspeito, vestido de preto, esquivando-se furtivamente pelo meio campo.

Pediu, então, para o colega que o substituíra, chamar o oficial de dia que se encontrava na enfermaria, localizada em área erma, próxima do campo de futebol, onde também havia um posto de sentinela.

Aquela sentinela da enfermaria, por sua vez, nervosa e desconfiada ao ver chegar um indivíduo armado, vindo de local escuro e sem se identificar, engatilhou rápido, porém de maneira atabalhoada, o fuzil que portava nas mãos, vindo a efetuar um disparo acidental para o alto.

A sentinela que havia ficado no campo de futebol, também amedrontada, ao ouvir o disparo de fuzil, teve a imediata certeza de que o quartel estava sendo invadido pelos traficantes da boca de fumo interessados em tomar as armas e munições ali existentes. Começou, também, por

disparar seu fuzil automático em direção aos fundos do campo de futebol.

Toda a guarda de serviço no quartel naquele dia, constituída por cerca de vinte a trinta homens, ao ouvir aquela profusão de disparos, ocorreu, imediatamente, para o local de onde provinham os estampidos. Como havia uma pedreira, à direita no final do campo, esta produzia ecos dos disparos efetuados pela sentinela.

A guarda que chegava esbaforida, julgando que os ecos ouvidos fossem disparos que estavam sendo efetuados pelos invasores, iniciou uma intensa fuzilaria em direção à pedreira, de onde continuavam a chegar, em profusão, os ecos originados de seus próprios disparos, ocasionando, por sua vez, novos disparos por parte da guarda.

A esta altura dos acontecimentos, o Comandante, o Sub-Comandante e os demais oficiais e sargentos da Unidade (que àquela hora se encontravam em suas casas, muitos até adormecidos), já haviam sido convocados por telefone para que retornassem, rapidamente, ao quartel que estava sendo invadido.

Do lado de fora, uma pequena multidão de moradores das vizinhanças, acordados pelos disparos na madrugada, aguardava, apreensiva, o desenrolar dos acontecimentos.

O Comandante do quartel, a certa altura, ordenou a suspensão do fogo. Todos, então, pararam de atirar. Os ecos, por sua vez, também silenciaram.

O Sub-Comandante, que estava próximo, comentou:
- Acho que a munição deles acabou, pois pararam de atirar!

Um primeiro-sargento, antigo e experiente, acrescentou: - Acho é que estão todos mortos ou feridos!

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Um cabo, metido a sabido, murmurou para alguns soldados: - Estão esperando que mostremos as cabeças para nos acertarem!

O Comandante, disse a seguir: - Vamos atirar algumas granadas e esperar o amanhecer para recolher os corpos dos traficantes mortos e feridos!

Foram, então, lançadas várias granadas na direção da pedreira, sendo respondidas pelos seus ecos e levando o Comandante a declarar: - Eles estão muito bem armados, pois também possuem granadas, que estão atirando contra nós. Vamos manter o fogo e, pela manhã, faremos um combate aproximado com o uso de baionetas!

Ao clarear do dia, foram designadas patrulhas para iniciar a tomada do morro e da pedreira. À medida que os homens avançavam procurando corpos de mortos ou feridos, além de armas e munições, porventura abandonadas pelo terreno, nada encontraram.

Ao chegarem ao topo avisaram ao Comandante, pelo rádio, que nada haviam encontrado. Este, abaixando o binóculo e virando-se para o Sub-Comandante, comentou: - Puxa, a logística deles é quase tão boa quanto a nossa. Conseguiram, sem a ajuda de helicópteros, evacuarem rapidamente os mortos e feridos e recuperar as armas e munições abandonadas. Não deixaram nem uma cápsula vazia no chão. Devem estar sendo treinados ou comandados por ex-militares ou, talvez, até mesmo por mercenários estrangeiros. Vamos dobrar a guarda e retornar aos alojamentos. Farei um elogio individual a todos aqueles que participaram dos combates e solicitarei medalhas e promoção para os oficiais e sargentos!

11. Segurança

Desde pequeno sempre fora bom de briga. No colégio ninguém tirava satisfação com ele, sem sair com um olho roxo ou com o nariz sangrando.

Na juventude, havia freqüentado todas as academias de artes marciais do bairro: jiu-jitsu, caratê, boxe, tae-kwondo, capoeira, Krav Maga, etc.

Atualmente trabalhava como segurança em uma empresa corretora de câmbio, títulos e valores, localizada no quarto andar de um elegante prédio comercial no centro da cidade.

Na sua função de segurança já havia passado por muitas experiências difíceis, tais como: separar brigas entre clientes e funcionários, prender estelionatários, falsários, etc.

A triste experiência que viveu naquele dia, entretanto, marcou para sempre a sua vida.

Em determinado momento do dia, entretido em olhar no terminal de computador a flutuação das cotações da Libra Esterlina, não percebeu a entrada no recinto de vários indivíduos portando maletas e sacolas.

Quando deu por si, ele mesmo já estava sob a mira das armas, como também os demais seguranças, clientes e

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

empregados. Os assaltantes, extremamente violentos, obrigaram todos os presentes a se dirigirem para um quarto, nos fundos, onde ordenaram que tirassem todas as roupas e pertences, que passaram a vasculhar.

Como ele hesitasse bastante em acatar a ordem dada, alguns colegas pensaram que, tendo uma arma escondida sob as roupas, iria reagir a qualquer momento. Naquela hora de extrema tensão, um dos assaltantes, apontando-lhe a metralhadora ordenou, aos berros, que tirasse logo tudo.

Ele, sob os olhares de todos, aos poucos foi tirando suas roupas: primeiro a camisa, depois a calça, a meia e os sapatos; ficando vestido, apenas, com uma calcinha feminina branca com rendas pretas. Suas pernas nuas e depiladas exalavam um forte cheiro de perfume barato. As unhas dos pés estavam pintadas de esmalte vermelho vivo. Em sua nádega direita, via-se a tatuagem de um coração onde, na parte interna, estava escrita a frase: “Amor eterno de Juvenal”.

12. Memórias Póstumas

Estimado leitor, ao ler o conteúdo destas memórias, você, talvez, já não me encontre mais no mundo dos vivos. A desilusão, sobre os homens, coisas e instituições, que acumulei ao longo da existência, certamente, me conduzirá a abreviar o breve tempo que me resta, em razão de moléstia grave adquirida ao longo dos últimos anos, pelo triste vício de pensar e acreditar no futuro do nosso país e da nossa gente.

No auge do desespero em que me encontro, atendendo à solicitação encarecida de um amigo e protetor, resolvi deixar por escrito estas memórias para os pósteros; a fim de que, louvando-se em minhas desditas, possam pautar suas vidas por outros caminhos e valores, que não os meus, de sorte a vir a ter uma existência mais feliz e aprazível, do que aquela que tive a infelicidade de trilhar.

Lembro ao leitor, entretanto, que tais memórias abrangem apenas o período mais criativo da minha vida; pois, aquele que o antecedeu é tão trágico que, em respeito aos que me lêem, à moral e aos bons costumes, nego-me a comentá-lo com quem quer que seja. Assim, o período a que me refiro vai desde o início da crise mundial da economia até o dia em que, pendurado no parapeito do vão central da Ponte Rio – Niterói, tentando acabar com minha triste existência, ensaiava pular para por fim definitivamente ao meu insuportável tormento.

Fui, felizmente, salvo por um editor, de conceituada empresa jornalística, cujo carro havia furado os quatro pneus naquela ponte recentemente privatizada; e que

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

me recomendou, além de consultas periódicas a um psiquiatra, que colocasse no papel o resumo das minhas adversidades e lhe enviasse, com vistas a uma possível publicação em capítulos, num folhetim de pequena tiragem da Baixada Fluminense. Foi, então, o que fiz naquela ocasião.

Tendo transcorridos vários meses, nos quais me dediquei integralmente a passar minhas vicissitudes para o papel e quando, já com toda a documentação debaixo do braço, entrava no escritório da editora, passei por uma das maiores vergonhas da minha vida. Ao entrar na ante-sala do diretor contemplei uma mãe que deixava seu filhinho, de aproximadamente quatro anos, fazer xixi na porta de um belo e raro armário de madeira trabalhada, estilo Luis XV. Olhando aquela criança urinando naquela verdadeira obra de arte, senti, nas entranhas, uma vergonha enorme. Imaginem que o pintinho dele era maior do que o meu!

Meu nome de batismo é José Carlos dos Santos Nalha. Desde pequeno meus pais, parentes, amigos e conhecidos chamavam-me de Zeca Nalha. Suponho que seja por abreviação, pois meu comportamento sempre foi dos mais exemplares, embora alguns diretores de colégio, ao me verem chegar com meu pai para fazer a matrícula, sempre alegassem falta de vagas para aquele ano letivo. Assim, muito do que sei aprendi por mim mesmo, como autodidata, através da leitura assídua de cartazes publicitários nas ruas, de livrinhos das Coleções Gozadores, de figurinhas das Balas Guri, de cartazes de filmes pornográficos e de diversos manuais de instalação de eletrodomésticos, que encontrava nas latas de lixo do bairro.

Embora um pouco cheio de complexos, em razão dos inúmeros traumas sofridos ao longo da existência, de

Jobert Rocha

uma coisa, verdadeiramente, posso me vangloriar: da minha grande esperteza.

No início da crise econômica mundial, minha mulher estava no final de uma difícil e sofrida gravidez. Certa noite, ela acordou gemendo e disse: - “Canalha, a bolsa arrebentou!” Calmamente, respondi: - “Sossega mulher, já vendi todas as ações que tinha em carteira e com o dinheiro arrecadado comprei tudo em dólares!”. Em seguida, voltei a dormir. Horas depois, ela me acordou de novo, dizendo: - “Canalha, está em contração!”. Com bastante calma, respondi: - “A economia é assim mesmo, em algumas horas se contrai e em outras se expande!” Em continuação, voltei novamente a dormir. Passadas algumas horas, que para mim pareceram apenas minutos, novamente me acordou com um solavanco, mostrou um bebê e disse: - “Canalha, corta aqui o cordão umbilical!”

Um mês depois batizávamos o Canalhinho, que eu só chamo de Mico Preto e a família e os amigos de Bolha Econômica. Minha mulher, depois do parto, largou o bebê comigo e passou a sair com uma amiga o dia inteiro. Às vezes dormia fora de casa, só voltando no dia seguinte. Não queria mais saber de mim, nem do Mico Preto.

Em certa ocasião, reclamei à minha sogra sobre o comportamento dela. A sogra prometeu falar com a filha.

Dias depois ela me contou como havia sido a conversa. Ao dizer-lhe que seu marido gostaria de ter ao lado uma mulher cheirosa, gostosa e carinhosa, minha mulher, com aquela voz grossa que sempre teve, respondeu: - “Pô, mãe, mas quem não gostaria!”

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Passados mais alguns meses, foi embora definitivamente com a amiga. Deixei o Mico Preto com a sogra e fui à luta.

Como o processo de separação não pode ser amigável, já que ambos alegávamos ser o homem da casa, tive que recorrer à justiça. O desempate foi feito pelo juiz, no momento exato da audiência. Ele ficou cerca de uns vinte minutos olhando, ora para mim ora para ela, na dúvida. Só ganhei porque entrou na sala um médico proctologista, a quem já havia consultado uma vez, que, ao ver-me, exclamou de longe: - “Ô canalha, aquele tumor na tua próstata tá me parecendo maligno, viu!”

Finalmente, terminado o processo de separação, fui à procura de uma nova companhia.

Enamorei-me de uma jovem de seus dezoito anos, virgem, que logo me levou à casa dos seus pais. Na sala sentei-me no sofá, entre ela e o irmão pequeno, tendo em frente sua mãe, seu pai e a avó. Eis que, repentinamente, a mãe, pensando em me convidar para o almoço, perguntou: - “O cavalheiro gosta de comer o que?”

Para não dar trabalho à velha, humildemente respondi: - “Eu só gosto de comer à quilo!”

O silencio que se seguiu foi constrangedor. A jovem começou logo a chorar. A avó, pegando pela mão o neto, saiu da sala dizendo baixinho: - “Mas que pouca vergonha!”

A mãe, com um lenço esfregando nos olhos úmidos, dizia: - “Nunca fui tão humilhada!”

Notando, pelo canto dos olhos, o pai se levantando e fazendo menção de sacar algo debaixo da camisa, corri rápido em direção à porta entreaberta e, desembestando

pela escada do edifício de apartamentos, só fui parar a alguns quarteirões de distancia, nunca mais passando por aquela rua.

Pensei, pouco depois, em procurar uma coroa rica e bonita, que satisfizesse os meus mais inconfessáveis desejos.

Felizmente, encontrei uma que preenchia os requisitos. Era rica, gostosa e linda. Logo no primeiro encontro afirmou que estava ansiosa para satisfazer todos os meus ardentes desejos. No dia seguinte fomos ao seu clube, onde almoçamos. À tarde, passeamos de iate e, à noite, jantamos tomando vinho francês e ouvindo música clássica.

Mais tarde, na cama, trajando um curtíssimo baby-doll preto, me disse: - “Vem, meu gostosão, que eu vou satisfazer todos os seus desejos!” Bastou dizer estas palavras para que eu, deitado ao seu lado na cama, tirasse do bolso do pijama uma lista contendo relação com perto de vinte itens, que iam desde sorvete de morango na casquinha até um trenzinho completo, com máquina, vagões, estação e trilhos, e entregasse a ela que, com um olhar que me pareceu tocado pela emoção, segurou a lista com mãos tremulas e prorrompeu em copioso choro. Virei, então, para o lado e dormi em seguida, como uma verdadeira pedra, pois estava esfalfado depois de um dia cansativo de tantos passeios.

Na manhã seguinte, não a encontrando no leito, fui informado por sua governanta que ela havia viajado para visitar a avó na Bielorrússia, não tendo data prevista para voltar. A partir daquele dia resolvi que seria celibatário para o resto da vida. Desde então, deixei de pensar em mulheres e passei a me dedicar a estudos filosóficos. De tanto estudar, ler e interpretar o que diziam os filósofos, aos poucos, finalmente consegui formular minha própria

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Teoria Filosófica. Pude inclusive estabelecer, após muita meditação introspectiva, alguns princípios básicos, que se resumem nos pensamentos apresentados a seguir, aos quais denominei de 'As Leis Fundamentais da Filosofia':

- . Não penso, logo, não consigo terminar nenhuma fras...**
- . Ser ou não ser não é a questão; a questão é quando os outros começam a desconfiar que você seja;**
- . Só sei que nada sei, mas se algum dia souber que sei, então saberei, ou não, se sei ou se não sei.**
- . Vim, Vi, Venci. Fui...**

Sou, certamente, sem falsa modéstia, o primeiro filósofo ocidental a prever, com anos de antecedência, a falência do Sistema Comunista Internacional e a Crise Econômica do Capitalismo, ao afirmar: - "A Dialética Transcendental perder-se-á para sempre, entre Antinomias e Paralogismos, a menos que a Teologia Racional supere a Tradição Epistemológica!"

Tendo a Teoria Filosófica, por mim desenvolvida, pouca aceitação no meio científico e filosófico, e desiludido com a economia, com as mulheres e com as ciências, decidi dedicar-me em profundidade à religião. Por esta altura, já havia gasto tudo aquilo que acumulara ao longo dos anos e estava passando fome. Às vezes me via, até, falando sozinho.

Entrando, ao cair da tarde, em uma igreja para informar-me com o padre sobre como fazer para ingressar nas ordens monásticas, ele, ao me observar falando sozinho, supôs que eu orava e, ao observar meu corpo esquelético, me perguntou com doçura há quantos dias não me alimentava.

Ao responder-lhe que havia três dias só bebia água, o padre, com visível alegria, disse-me: - “Que bom que você veio, meu filho, pois vejo que jejua com frequência e que ora baixinho o tempo todo. Estamos começando, agora, um grupo de oração e jejum e você veio mesmo a calhar. Pode aguardar ali naquele canto, que a reza e o jejum já vão começar e se estenderão até amanhã pela manhã. Já vou escalar você para os grupos de segunda, quarta e sexta-feira!”

Morto de fome e de sede eu abandonei aquele local, e comecei a vagar, sem rumo, pelas ruas da cidade. Ao passar por uma viela pouco movimentada naquela hora do dia, tive a atenção despertada para uma placa colocada em uma casa, que dizia: ‘Bolsa-Família – Cadastramento’.

Entrando pelo portão aberto, deparei com uma fila de aproximadamente quinze pessoas. Instalando-me no final da fila, aos poucos, fui fazendo amizade com os demais participantes. Um deles até me ofereceu um pedaço da banana que comia, vendo a expressão de fome com que eu o fitava.

Entabulando conversação com o indivíduo que estava à minha frente, dele obtive preciosas informações. Disse-me, após as apresentações de praxe, que era professor universitário de Física Quântica, com pós-graduação na Inglaterra. Desempregado há quatro meses, vinha recebendo o auxílio desemprego. Havia se candidatado ao Vale-Gás e, para os filhos menores, o Bolsa-Escola. O filho mais velho, que havia puxado à mãe e nascido pardo, entrara para a universidade pública através do sistema de quotas. Outro filho, condenado por roubo, recebia o auxílio reclusão. Como o professor havia sido de esquerda em sua juventude e militado em um grupo revolucionário, entrara, recentemente, com

um pedido de aposentadoria e salários retroativos, junto a um chamado “Comitê de Indulto e Esquecimento”.

Enquanto aguardava o desfecho do seu caso, estava ali, na fila, para solicitar a Bolsa-Família. Sugeriu-me que arranjasse uma esposa grávida para pleitear, também, o Auxílio-Natalidade. Deu-me, a seguir, o endereço do restaurante e do hotel, a um Real, que ficavam nas proximidades. Como a fila estivesse demorando muito a andar, já que a quantidade de documentos solicitados era enorme e o funcionário encarregado do cadastro exigisse dez reais de cada candidato, despedi-me do professor, de quem já ficara amigo, e, novamente, continuei a andar sem destino.

No entanto, sem que me apercebesse, a mão da providencia conduzia-me, diretamente, para o sopé de uma favela. Em lá chegando, ao verem os moradores meu estado cadavérico e andrajoso, julgaram que se tratava de um mendigo doente e alcoólatra e me deixaram ficar em um barraco desabitado. Deram-me de comer e de beber e, aos poucos, fui retomando minhas antigas condições físicas.

Em agradecimento, comecei a prestar pequenos serviços à comunidade, seja levando determinados embrulhos, bastante pesados, a um barraco situado no alto do morro, onde vários moradores de binóculos apreciavam a vista do mar, seja conduzindo envelopes fechados, que deviam ser entregues aos membros de uma viatura policial, que todos os dias rondavam por aquela comunidade. Imagino que os envelopes continham a relação de pessoas da localidade necessitadas de auxílio do poder público, cujos nomes eram mantidos em sigilo para não melindrá-las.

Com isso adquiri, com o passar do tempo, grande conhecimento e amizade junto ao meio policial, já que era sempre saudado com alegria pelos integrantes de todas as viaturas que circulavam pelas imediações do morro.

Recuperado completamente, um dia recebi a visita de vereador cuja base eleitoral situava-se naquela localidade e que, após dizer que admirava muito o meu trabalho comunitário junto àquelas famílias carentes, oferecia-me um lugar de assessor, em seu gabinete na Câmara. Confesso que fiquei bastante entusiasmado, principalmente quando soube do valor do salário, aceitando de imediato a vaga que me oferecia. Apenas estranhei, após haver assinado todos os papéis, quando, em resposta à minha pergunta sobre a data em que começaria a trabalhar, respondeu: - “Não precisa se incomodar não, parceiro. Vai trabalhando por aqui mesmo, pois a Câmara está em obras e não tem nem lugar para sentar!” Despediu-se e, desde então, nunca mais o vi.

Jamais recebi o salário que me prometeu, mas acredito que ele o esteja guardando para entregar-me ao final das obras, quando, então, terei meu lugarzinho a seu lado no gabinete. Enquanto este dia não chega, em razão do grande conhecimento que tinha do mercado financeiro, por ter feito o curso técnico de Contabilidade, fui convidado por alguns investidores importantes da comunidade, a prestar assessoria econômico-financeira sobre como aplicar bem e com segurança, o enorme volume de recursos financeiros ali gerados pelas atividades econômicas locais.

Iniciei, a partir de então, um período de intensas e prolongadas viagens ao Paraguai; pois, os investidores da favela faziam questão que seus recursos fossem

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

aplicados exclusivamente naquele país. Tantas vezes fui ao país vizinho, que já era até conhecido dos guardas da fronteira, os quais me saudavam efusivamente após brindá-los, como eu freqüentemente fazia, com algumas garrafas de uísque doze anos.

Certa ocasião, hospedado em um hotel na cidade de Pedro Juan Caballero, conheci um senador que, após saber do meu trabalho junto aos investidores da favela, convidou-me a ir até a capital, onde apresentaria outros colegas senadores e deputados, todos interessados naquele tipo de consultoria que eu desenvolvia.

Como os investidores para os quais eu trabalhava já haviam deixado transparecer, em determinada ocasião, que meu antecessor no cargo havia desaparecido repentinamente por falar demais (imagino que ele, em uma de suas viagens ao país vizinho, resolvendo fazer um pouco de turismo perdeu-se em alguma ruela desconhecida e, depois, por falar de mais o português e de menos o espanhol, não soube encontrar o caminho de volta), resolvi não aceitar o convite do senador; pois, sempre tive muito medo de me extraviar em lugares desconhecidos.

Em determinado dia, ao voltar de uma de minhas viagens ao Paraguai e chegar à comunidade, verifiquei, com pesar, que nenhum dos meus clientes investidores encontrava-se presente na favela. Ao indagar, soube que todos, menos um deles, haviam falecido repentinamente, e que o sobrevivente andava lá pelo interior do Estado de São Paulo, em regime incomunicável. Assim, na impossibilidade de qualquer contato com meus antigos patrões, lembrei-me de um amigo paraguaio que conheci em uma de minhas viagens e cuja avó, doente grave segundo ele, morava no mesmo morro que eu. Conforme relatou o meu amigo quando o contatei, sua avó, em

decorrência da enfermidade de que padecia, tinha necessidade de vários medicamentos, só fabricados no Paraguai. Ofereci-me, assim, para receber os remédios e entregá-los à sua desditosa avó.

A partir de então, toda semana ele enviava uma mala com cerca de cinqüenta quilos, que eu tinha que apanhar à noite na rodoviária. Passados alguns meses, causou-me surpresa ver, não apenas uma, mas, sim, duas malas. Pensei, contristado, na hipótese de sua avó haver piorado da moléstia que a acometia e necessitar de um número maior de medicamentos. Transcorridos mais alguns meses, ao chegar à rodoviária, deparei com vários policiais fardados, ao lado das malas. Supus, imediatamente, que a avó havia falecido e esperavam que alguém fosse apanhar as malas, para, então, comunicar ao portador a trágica notícia ou que, a partir daí, o próprio poder público, constrangido por não fabricar aqui no país aqueles medicamentos tão úteis para a pobre velha, resolvera, ele mesmo, usando para tal seus próprios funcionários, fazer a entrega para a velhinha. Em qualquer das hipóteses meus trabalhos não eram mais necessários, razão pela qual voltei calmamente para casa.

Ao alimentar, certo dia, uma pequena ratazana que me acompanhava desde os primeiros momentos de permanência naquela comunidade; fui procurado, em meu barraco, por uma senhora idosa, que conduzia um pequeno bebê no colo. Alegando não ter dinheiro para a passagem pediu-me, penhoradamente, que levasse a criança ao aeroporto; pois, a mesma iria visitar os pais residentes no exterior, e os avós estariam aguardando no saguão do Aeroporto do Galeão. A criança era um bonito bebê negro que, chupando sua chupetinha, foi comigo de ônibus até o aeroporto, sem um chorinho sequer. Lá

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

chegando entreguei-a aos avós, que sorriram de alegria ao ver-me. Segundo disseram, moravam com os filhos na Suíça. Eram dois velhinhos simpáticos, louros e de olhos azuis. Pagaram-me um café, deram o dinheiro da passagem de volta e agradeceram-me efusivamente pelo trabalho que tive.

Durante todo aquele ano a referida senhora idosa me procurou, quase semanalmente, levando sempre uma ou duas crianças para que eu as conduzisse ao aeroporto, de onde os avós as levariam para visitar os pais no exterior. Como sei o triste que é viver afastado da família, já que fui abandonado por minha própria mulher e perdi o contato com meu filho, Mico Preto, sempre me dispus a levar as pobres crianças. Por vezes eu as deixava no aeroporto e retornava para casa, com lágrimas nos olhos.

Certo dia, recebi a notícia de que minha ex-esposa havia falecido ao fazer uma cirurgia para mudança de sexo. Segundo disseram, durante um transplante, havia sofrido rejeição da enorme peça retirada do corpo de um caminhoneiro, morto em acidente de trânsito, gentilmente doada pela família. Segundo soube, a esposa do caminhoneiro assistiu a cirurgia e chorava copiosamente, ao contemplar a peça do seu marido sendo transplantada. A mesma fonte me assegurava que meu filho, Mico Preto, era agora um importante executivo em empreendimento lucrativo na favela onde morava. Parece que tinha o alto cargo de gerente.

Embora passando necessidades, resolvi não procurá-lo. Fazia tanto tempo que havíamos nos separado e eu não desejava envergonhá-lo perante seus funcionários e superiores, aparecendo sujo, maltrapilho e desempregado.

Jobert Rocha

Meses depois soube, por um policial para quem sempre entregara os envelopes fechados que recebia de meus ex-patrões, que Mico Preto havia falecido. Ele não soube me dizer a causa da morte; porém, imagino que tenha sido o excesso de trabalho e os elevados níveis de colesterol e de triglicérides, como ocorre com todo executivo que não se cuida, principalmente ocupando cargo tão elevado quanto o dele. Assim, desempregado, vivendo de bicos, sem família, padecendo moléstia grave, sem perspectiva alguma de futuro, tomei a resolução de abreviar aquele rosário de sofrimentos que constituía a minha vida.

Preparava-me para saltar do vão central da Ponte Rio - Niterói quando, acolhido por mão bondosa a me dar todo apoio naquela ocasião, fui bafejado por um sopro divino e tomei fôlego para recomeçar de novo. Às instâncias do meu salvador e protetor, iniciei a árdua tarefa de escrever estas memórias; as quais, segundo afirmação do próprio, render-me-iam substancial aporte de recursos financeiros, referentes aos direitos exclusivos de publicação. Assim, ao meu estimado leitor, desejando-lhe ardentemente que jamais trilhe os tortos caminhos por mim percorridos, isto é tudo o que eu tinha a declarar.

P.S. Transcorridos vários meses após a entrega dos originais para publicação, até o presente, não recebi, da parte do meu salvador e suposto benfeitor, um único vintém em pagamento pelo árduo trabalho que realizei.

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Nota do Editor: - Lamentavelmente, o autor de tão extraordinárias memórias não pode presenciar, em vida, o monumental sucesso obtido com o lançamento, em várias capitais do país, de sua comentada biografia. Ocorre que veio a falecer, tragicamente, em razão de múltiplas fraturas ocorridas após sua queda, acidental, do vão central da Ponte Rio - Niterói. Supõe-se que haja escorregado e mergulhado no mar, ao alimentar algumas gaivotas que sobrevoavam o local. Seu corpo foi velado na Academia Nacional de Letras que, postumamente, lhe concedeu a titularidade da cadeira número nove, tornando-o um IMORTAL.

13. O Condenado pelo Supremo

Ele era contínuo de uma repartição pública da capital e havia sido condenado pelo Supremo Tribunal a vinte anos de prisão, em regime fechado, como o único responsável por um grande crime envolvendo corrupção passiva, formação de quadrilha, fraude em concorrência, desvio de recursos públicos, sonegação fiscal e lavagem de dinheiro. O crime havia sido descoberto e denunciado por dois jornalistas investigativos que atuavam na capital da república. Segundo ele (que desde o início negara tudo com convicção), não cometera nenhum daqueles ilícitos penais. Embora afirmasse, em sua defesa, que havia perdido todos os documentos em uma viagem de ônibus, de sua casa para o Ministério em que trabalhava, o fato não foi levado em consideração pela justiça; muito embora as únicas provas que o incriminassem fossem algumas cópias Xerox de seus documentos, encontradas em um cofre no gabinete do ministro. Encontrava-se no presídio de segurança máxima, em cela isolada, já há quase 12 anos. Nos poucos momentos destinados ao banho de sol, misturava-se com outros detentos, em sua maioria desesperados por haverem perdido a liberdade; alguns, até mesmo, quase dementes.

Costumava dizer a todos os companheiros de cárcere, que o Estado havia prendido apenas o seu corpo e que a sua alma era e sempre seria livre.

No interior da cela onde ficava, logo que a porta era fechada, sua mente viajava por lugares distantes. Imaginava mil locais, acontecimentos e diálogos. Nunca estava só, tendo sempre por companhia, em sua mente, homens e mulheres agradáveis com os quais convivia, conversando,

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

saboreando drinques, degustando finas iguarias e interagindo. Assim, passaram-se os dias, meses e anos.

Em uma noite quente de verão, foi acordado pelo carcereiro ordenando-lhe que se aprontasse para uma entrevista com o diretor. Conduzido à presença deste, foi-lhe dito que haviam descoberto o verdadeiro culpado pelos crimes que lhe atribuíram (um zelador da equipe da noite, finalmente, havia confessado) e, por conseguinte, estava sendo libertado naquela ocasião.

Abriram-lhe então os portões, no dia seguinte pela manhã, e ele voltou para casa. Como chegou cedo, resolveu ir a uma praia do lago situado perto de sua residência, na qual não pisava há mais de 12 anos.

Após passar a manhã e a tarde tomando sol e banho no lago retornou para casa ao anoitecer. Após jantar e ver um pouco de TV, recolheu-se para dormir.

A noite inteira sonhou com sua cela na prisão. Nos meses e anos que se seguiram a sua libertação, dia e noite, não conseguia tirar de sua mente a velha cela onde passara tantos anos como recluso. Horrorizado constatou que, embora tendo soltado o seu corpo, finalmente, haviam conseguido prender a sua alma.

14. Os Anjos Invadem a Terra

O acontecimento que abalou a pequena cidade de Ribeirópolis, no interior de um Estado do Nordeste, ocorreu muito antes de a mídia mundial começar a divulgar, incansavelmente, casos de contatos de primeiro, segundo e terceiro graus com seres extraterrestres ou, até mesmo, episódios de abduções por naves alienígenas. Os únicos seres que poderiam almejar descer dos céus, conforme a crença local admitia, eram os anjos - que o padre da antiga igreja, construída pelos primeiros desbravadores do sertão, não cansava de elogiar em suas pregações aos domingos e dias santos.

Naquele lugar longínquo, onde a televisão ainda não havia chegado, os jornais saíam quinzenalmente e a rádio local apenas irradiava as palavras do vigário e uma ou outra música sacra (dentre as quais a mais tocada era a Ave Maria); era praticamente impossível que uma estória como aquela (que vou contar-lhes por dela haver participado como um dos coadjuvantes), não fosse integralmente verdadeira e aceita, sem questionamentos, pelos habitantes locais.

Meu pai, em razão de grave revés financeiro sofrido em decorrência da comercialização de 'produtos piratas', mudara-se com toda a família para aquele pequeno município (que possuía alguns garimpos de pedras preciosas e algumas fazendas agro-pecuárias), objetivando entrar no

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

ramo da exportação clandestina daquelas pedras e, com isto, recuperar o seu anterior patrimônio perdido.

A casa onde fomos residir ficava as margens de um rio que, embora manso e relativamente pequeno, na época das chuvas tornava-se caudaloso e avançava até quase nosso quintal.

Em uma casa vizinha a nossa residia uma família de gaúchos, que também fora para aquela região alguns anos antes, buscando tentar a sorte na agricultura. Possuíam duas filhas, uma com dezessete anos e a outra com dezoito. As meninas eram lindíssimas. Tinham belos olhos verdes, cabelos louros e corpos que eram olhados com inveja, pelas outras mulheres, e com cobiça, por todos os homens do local. Sabedoras do valor intrínseco que possuíam, em uma terra onde o tipo físico predominante de mulher era o da cabocla ou da cafuza, vendiam bem caro os seus olhares brejeiros àqueles pobres jovens locais, que as assediavam em suas incansáveis disputas.

Entretanto, por força dos hormônios próprios daquela idade, eram vistas, muitas vezes, suspirando pelos cantos e folheando uma ou outra revista que lhes caia às mãos, com fotos de artistas de cinema, de cantores ou de atletas de qualquer modalidade esportiva.

Em uma manhã nublada, após uma noite chuvosa com muitos raios e trovões, quando o nível do rio subira quase alcançando a cerca do terreno de casa, seus pais, ao entrarem no quarto que ocupavam as meninas, para acordá-las, constataram que as mesmas haviam desaparecido.

Procuraram-nas primeiro pelas vizinhanças, com o auxílio de amigos da família e de admiradores das moças; depois, por todo o município, com o auxílio da polícia.

Jobber Rocha

Haviam desaparecido totalmente. Parecia que ambas tinham sido conduzidas dali para local desconhecido, sem deixar nenhum vestígio ou marcas. Suspeitou-se de assassinato, de rapto ou, até mesmo, de fuga. Entretanto, por mais que o povo da cidade especulasse a respeito, seus pais não viam qualquer motivo para nenhuma das hipóteses levantadas.

Instadas pelo padre e pela congregação de beatas, foram feitas inúmeras novenas milagrosas, rogando aos céus pela volta das duas lindas jovens.

Eu, como jovem vizinho e admirador fervoroso de ambas, que costumava espioná-las tomando banho de rio quase desnudas participei, voluntária e incansavelmente, de todos os esforços promovidos para encontrá-las; pois, ainda não tinha perdido as esperanças de algum dia vir a desfrutar do interesse e dos favores de alguma delas.

Por fim, com o passar do tempo, todos assumiram que elas, realmente, haviam desaparecido misteriosamente para não mais voltar.

Tendo passado oito meses da data do sumiço das jovens, em uma bela manhã de sol as duas apareceram no centro da cidade, cada uma carregando uma pequena maleta de mão. Vinham da direção da fazenda de propriedade de dois irmãos, solteiros e ricos, que plantavam café e cacau para exportação. Traziam, além das pequenas maletas, duas enormes barrigas, indicando que ambas estavam lá pelo oitavo ou nono mês de gestação.

Em casa, na presença dos pais, do padre e de diversos moradores, puderam, finalmente, contar uma fantástica estória sobre o que lhes havia ocorrido. Segundo relataram, envergonhadas e cabisbaixas, naquela noite de chuva forte, repentinamente, o quarto onde dormiam havia

sido iluminado por uma intensa luz, que as cegou momentaneamente. Com a diminuição gradativa da intensidade da luz, puderam ver dois anjos que as convidaram a visitar a morada dos Deuses. Os anjos fizeram-nas entrar em um veículo prateado que, a uma velocidade incrível, as havia conduzido para uma terra distante, em um local do céu para elas totalmente desconhecido. Naquela terra tudo era diferente do que conheciam. Embora só tivessem ficado poucos dias visitando aquele local, os anjos lhes informaram que no lugar de onde tinham vindo (Ribeirópolis), já haviam transcorrido vários meses, em razão do fenômeno físico da relatividade espaço-temporal. Ao conduzi-las de volta para a Terra, afirmaram que o crescimento de suas barrigas, que já haviam notado, era normal e devia-se a um fator gravitacional, que acometia a todos os viajantes espaciais. Com o passar do tempo elas desapareceriam. Disseram, também, que os Deuses, dentro de mais alguns dias, enviariam dois bebês para que elas cuidassem, com vistas a observar se aqueles pequenos filhos de divindades se adaptariam a vida em nosso planeta. Seus pais, muito religiosos, ajoelharam-se para orar em agradecimento, no que foram seguidos pela multidão de trabalhadores rurais e de garimpeiros, que a tudo assistia. O padre, demonstrando certo ceticismo, deu início a uma oração em louvor, que foi rezada por todos os presentes, naquela ocasião.

Os bebês, que chegaram poucos dias depois, eram (segundo opinião daqueles que os contemplavam) muito parecidos com os dois ricos fazendeiros locais; os quais, rapidamente, prometeram ao padre mandar erguer em suas terras uma capela em agradecimento aos Deuses, por aquela deferência de enviar dois anjos tão parecidos com eles.

Jobber Rocha

Certa ocasião, meses depois, eu realizava um pequeno trabalho a pedido do pai das jovens, no sótão da casa deles, quando, ao abrir um pequeno baú cheio de velharias, encontrei o livro de um autor inglês, traduzido, com uma estória muito parecida com aquela do depoimento que ouvira relatado pelas meninas.

Muito religioso, imediatamente pensei, fazendo contristado o sinal da cruz: - Milagres realmente acontecem. Quando os Deuses querem, até mesmo a ficção pode se transformar em realidade!

15. Benigno ou Maligno?

Meu vizinho naquele conjunto residencial do subúrbio, onde necessitei ficar escondido por algum tempo, após uma de minhas muitas operações de compra e venda de ações na bolsa de valores, chamava-se José Carlos Benigno e tinha perto de 40 anos de idade.

Segundo me contou, enquanto tomávamos uísque e comíamos umas lingüiças fritas que sua esposa, dona Totinha, preparava com cuidado e dedicação na pequena cozinha do apartamento, um dia pela manhã, ao tomar banho e ensaboar-se, sentiu um pequeno caroço sob a pele do pescoço.

Como tinha horror a médicos e doenças não comunicou o achado à mulher nem aos filhos. Com o passar dos dias, entretanto, além de doer e incomodar, o caroço havia aumentado de tamanho, passando a se tornar-se perfeitamente visível.

A esposa, ao perceber o caroço durante o almoço, sugeriu-lhe a ida ao médico do posto de saúde, o que ele fez poucos dias depois.

Examinando o caroço, o médico estrangeiro recentemente contratado pelo governo, solicitou exames complementares antes de poder formar um diagnóstico. Particularmente, julgava ser um simples quisto de origem sebácea.

José Carlos, finalmente, marcou os exames na rede pública, a serem realizados cerca de três meses depois.

Jobber Rocha

No dia aprazado chegou cedo ao laboratório, entrando na fila que, naquela altura, já estava bem grande, dando voltas no quarteirão. Com o avanço das horas e o declínio do sol, chegou, finalmente, sua vez e uma enfermeira magrinha gritou da porta: - Sr. José Carlos Benigno!

Levantando-se e caminhando em direção à enfermeira, adentrou a sala de exames. Finalizada a coleta de material (exame de sangue e biópsia), a enfermeira pediu que aguardasse na sala ao lado a divulgação do resultado.

Lá retornando, constatou que a fila já havia duplicado e, agora, já não havia mais lugares para sentar dentro do laboratório, tendo ele de permanecer em pé por quase quarenta minutos.

Subitamente, quando já não se agüentava mais de cansado, abriu-se a porta da sala e uma enfermeira chamou: - Sr. José Carlos Maligno!

Como nenhum dos presentes se manifestasse ao ouvir aquele nome sendo chamado, ele, timidamente, perguntou: - Senhorita, não será José Carlos Benigno?

A enfermeira prontamente respondeu, em voz alta para que todos na sala ouvissem: - Não, senhor José Carlos, no seu caso é maligno mesmo!

Desengano, Benigno agora esperava em casa, tomando uísque e comendo lingüiça, o dia em que, após ser mortalmente nocauteado por aquele tumor maligno, partiria, definitivamente, para 'o local onde se veria livre dos impostos', conforme gostava de se referir ao território do além...

16. A Aparição das Dezoito Horas

Esta estranha estória, que passarei a narrar, ocorreu no início da década de 1950 e dela tomei conhecimento através de um companheiro de cela, colega de turma do seu personagem principal e também bacharel em Direito como ele.

Corria o ano de 1953 e o nosso país, ainda atrasado econômica e culturalmente, ensaiava os primeiros passos no sentido da superação dos obstáculos ao seu desenvolvimento.

Ele, o personagem principal, com a idade de vinte e poucos anos, concluíra o curso de Direito na capital e procurava emprego, tão difícil naquela época quanto hoje.

Na ocasião, começavam a proliferar cursos de Direito no interior do Estado, cada cidade querendo ter sua própria faculdade.

Através do meu companheiro de cela, na oportunidade alto funcionário público, ele ficou sabendo de uma vaga para professor na Faculdade de Direito de uma pequena cidade, bem afastada da capital.

Jobert Rocha

Na falta de qualquer outra oportunidade, para lá se dirigiu. Após uma rápida entrevista com o diretor recentemente nomeado, soube que estava sendo criada a Faculdade de Direito e necessitavam de um professor para a nova cadeira de Contabilidade, que havia entrado na grade curricular das Faculdades de Direito, naquele ano.

De Contabilidade ele nada sabia; pois, na faculdade em que se formara não havia, até então, aquela matéria. Imaginou, porém que, assim como ele, os alunos também nada sabiam daquela matéria.

Achava que com um pouco de retórica, de sofística e da hermenêutica jurídica, que havia aprendido na capital, conseguiria enrolar aqueles caipiras.

No dia programado para sua primeira aula, acordou cedo em seu quarto no único hotel daquela cidadezinha, barbeou-se e colocou sua melhor roupa, para causar boa impressão aos alunos.

Chegando à sala de aulas, havia cerca de 30 alunos, além do diretor, esperando por ele.

Alguns daqueles alunos, entretanto, já possuíam noções da matéria, por haverem cursado o Técnico de Contabilidade, em cidade vizinha, e alguns até trabalharem em escritórios locais de Contabilidade.

Após apresentar-se aos alunos e tecer vários comentários sobre o clima quente da região, a perspectiva de chuvas próximas e a arquitetura colonial da igreja matriz, perguntou à platéia se alguém queria fazer alguma pergunta, antes de encerrar a aula.

Vários alunos levantaram-se e, alternadamente, perguntaram: - Professor, o que é Ativo Fixo? O que é Capital Circulante? O que é Patrimônio Líquido? O que é Capital de Giro? O que é Passivo à Descoberto?

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade

Apanhado de surpresa ficou, durante alguns momentos, com a cabeça baixa, procurando, pelo canto dos olhos, uma maneira rápida de escapular daquele ambiente. Pensou em atirar-se pelo vão da janela entreaberta; mas, logo em seguida lembrou-se de que estavam no quarto andar do prédio.

Ele nunca ouvira falar naqueles termos contábeis e não tinha a menor noção do que significavam. Subitamente, porém, veio-lhe à mente que, se lhe perguntavam, era porque também não sabiam.

Pensando rápido, e fazendo uso de toda a malandragem aprendida ao longo de seus vinte e poucos anos vividos na capital, respondeu, calmamente: - Meus caros alunos imaginem vocês uma empresa que se dedique à exploração de estradas de ferro e que transporte em seus vagões gasolina, álcool, diesel ou qualquer outro produto líquido. Os trilhos da estrada constituem o Ativo Fixo da empresa. O comboio, formado pela máquina e por todos os vagões, representa o Capital Circulante. A carga dos vagões consiste no Patrimônio Líquido e as rodas da locomotiva no Capital de Giro. Passivo a Descoberto é quando encontram o maquinista da composição, que ninguém na empresa supunha que fosse gay, em atitude indecorosa junto com seu ajudante no interior da cabine da locomotiva!

Parou de falar e, em seguida, encarou a platéia de frente, para ver o efeito de suas palavras. Estava plenamente convencido do bom senso e da veracidade daquela sua explicação, julgando-a, até mesmo, digna de figurar nos principais compêndios da matéria.

Os alunos, entreolhando-se, levantaram todos ao mesmo tempo, prorromperam em estrepitosa vaia e retiraram-se ruidosamente da sala.

Jobber Rocha

No final da tarde daquele dia, encontraram-no na estação ferroviária esperando o trem das dezoito horas, cabisbaixo e demonstrando certo descontrole nervoso.

De pé, na plataforma da estação ferroviária, ao ver a locomotiva se aproximar, atirou-se nos trilhos quando esta passou por ele, tendo morte instantânea.

Poucos meses depois, alguns alunos afirmaram haver visto seu espírito, de pé, na mesma plataforma, ao entardecer, talvez ainda mortificado pelas vaias recebidas, esperando, com certeza, a chegada do Capital Circulante das dezoito horas...

O Melhor do Sarcasmo e da Mordacidade